

Documentos IAC, 106

Editoração Científica



Instituto Agrônômico (IAC)
Campinas (SP)



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Agricultura e Abastecimento
Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios
Instituto Agrônômico

Governador do Estado de São Paulo
Geraldo Alckmin

Secretária de Agricultura e Abastecimento
Mônika Carneiro Meira Bergamaschi

Secretário-Adjunto de Agricultura e Abastecimento
Alberto José Macedo Filho

Coordenador da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios
Orlando Melo de Castro

Diretor Técnico de Departamento do Instituto Agrônômico
Hamilton Humberto Ramos

ISSN 1809-7693

Editoração Científica

Rafael Vasconcelos RIBEIRO
Maria Angela Manzi da SILVA
Maria Regina de Oliveira CAMARGO

Ficha elaborada pelo Núcleo de Informação e Documentação do Instituto Agrônomo

R484e Ribeiro, Rafael Vasconcelos
Editoração científica / Rafael Vasconcelos Ribeiro, Maria
Angela Manzi da Silva, Maria Regina de Oliveira Camargo.
Campinas: Instituto Agrônomo, 2012.
47p. (Documentos IAC, 106)

Versão online
ISSN:1809-7693

1. Editoração científica I. Silva, Maria Angela Manzi da. II.
Camargo, Maria Regina de Oliveira III. Título IV. Série

CDD. 070.73

A eventual citação de produtos e marcas comerciais, não expressa, necessariamente, recomendações do seu uso pela Instituição.

É permitida a reprodução, desde que citada a fonte. A reprodução total depende de anuência expressa do Instituto Agrônomo.

Comitê Editorial do IAC

Rafael Vasconcelos Ribeiro - Editor-chefe
Dirceu de Mattos Júnior - Editor-assistente
Oliveiro Guerreiro Filho - Editor-assistente

Equipe Participante desta Publicação

Revisão de vernáculo: Maria Angela Manzi da Silva
Coordenação da Editoração: Marilza Ribeiro Alves de Souza
Editoração eletrônica e Capa: Maisa Alves Rossi

Instituto Agrônomo

Centro de Comunicação e Transferência do Conhecimento
Av. Barão de Itapura, 1.481
13020-902 - Campinas (SP) BRASIL
Fone: (19) 2137-0600 Fax: (19) 2137-0706
www.iac.sp.gov.br

APRESENTAÇÃO

A Associação Brasileira dos Editores Científicos (ABEC) e o Instituto Agrônomo (IAC) realizaram, em 2011, o **XIX Curso de Editoração Científica**, em Campinas, como parte das atividades comemorativas dos 70 anos de Bragantia, periódico brasileiro com expressiva contribuição na área de ciências agrárias.

Esta publicação contém o texto de algumas palestras do Curso de Editoração Científica, ministradas durante o evento por competentes profissionais desta importante área da comunicação científica.

Esperamos que as informações contidas neste Documento venham auxiliar os interessados em divulgar os resultados de suas pesquisas à comunidade científica, servindo de inspiração para os iniciantes e guiando os mais experientes rumo ao constante aprimoramento do desafiador e prazeroso processo de construção do conhecimento científico.

Rafael Vasconcelos Ribeiro
Editor-chefe
Bragantia

SUMÁRIO

Página

Apresentação

Rafael Vasconcelos Ribeiro.....iii

Requisitos de um periódico de boa qualidade

Luís Reynaldo Ferracciú Alleoni.....01

A qualidade esperada em manuscritos na ciência internacional

Gilson Luiz Volpato.....06

Opinião de um editor científico: manuscrito científico de qualidade - o que está faltando?

Gustavo Habermann.....14

Bragantia: revista de Ciências Agrônômicas

Rafael Vasconcelos Ribeiro.....21

Bragantia: breve histórico do Comitê Editorial

Maria Angela Manzi da Silva.....29

Processo de revisão pelos pares

Ivone Job, Ana Maria Mattos, Alexandre Trindade.....30

Como construir uma base de dados referencial pessoal com EndNote Web: como capturar, armazenar, selecionar e exportar referências para seu editor de textos, agilizando a produção de trabalhos acadêmicos?

Suely de Brito Clemente Soares.....40

Requisitos de um periódico de boa qualidade (1)

Luís Reynaldo Ferracciú ALLEONI (2)

Resumo

A revista *Scientia Agricola* é a publicação oficial da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo, e publica artigos científicos originais nas áreas de Ciências Agrárias e Ambientais desde 1944. A *Scientia Agricola* tem apresentado aumento constante nos fatores de impacto (FI) ao longo dos anos. Em 2010 foi a revista brasileira de mais alto FI na área de Ciências Agrárias e a 20.^a revista considerando-se todas as áreas do conhecimento. Dentre as características gerais de um periódico de qualidade destacam-se a qualidade e a credibilidade. Os membros das Comissões Editoriais devem ter histórico de publicações em revistas indexadas em reconhecidas bases de dados e que estejam comprometidos com a política editorial da revista. A publicação de artigos em língua inglesa permite que se aumente o leque de revisores e de leitores dos artigos, além de atrair autores de outros países para publicar seus artigos. Em média, 60% dos revisores de artigos da *Scientia Agricola* são estrangeiros. Em 2011, cerca de 20% dos artigos publicados na *Scientia Agricola* tinham pelo menos um autor do exterior. Artigos publicados em inglês têm grande probabilidade de ser citado por autores internacionais. Mais de 70% das citações da *Scientia Agricola* são provenientes de outras publicações, o que confere baixo índice de autocitação à revista. Para incrementar a qualidade do periódico, sugere-se: (a) Evitar endogenia na composição da Comissão Editorial; (b) Convidar revisores de reconhecida competência para avaliação dos artigos; (c) Manter a uniformidade na qualidade dos artigos publicados; (d) Diminuir os tempos de avaliação e de publicação; (e) Manter a pontualidade a todo custo; (f) Agilizar o fluxo de avaliação; (g) Evitar elevada autocitação.

Um breve histórico da revista *Scientia Agricola*

Na primeira metade do século 20, existiam poucas publicações direcionadas para as ciências agrárias. Os “Anais da ESALQ”, criados em 1944, eram uma referência. Até 1992, cerca de 20 mil artigos científicos foram divulgados sob a chancela da publicação.

Em 1992, os “Anais da ESALQ” foram substituídos pela revista *Scientia Agricola*, publicação caracterizada por possuir amplo espectro, abrangendo: Produção Vegetal, Produção Animal, Engenharia Agrícola, Tecnologia Agroindustrial, Ciências Florestais e aplicações da ciência básica nas Ciências Agrárias, Ambientais, do Solo e Biológicas.

Os artigos originais são agrupados por assunto nas seguintes categorias: Engenharia Agrícola, Microbiologia Agrícola, Agrometeorologia, Ciência Animal e Pastagens, Biometria, Modelagem e Estatística; Fitotecnia; Ecologia; Entomologia; Ciência e Tecnologia de Alimentos, Ciência Florestal, Genética e Melhoramento de Plantas; Fitopatologia; Fisiologia Vegetal e Bioquímica; Solos e Nutrição de Plantas; Zoologia.

(1) Resumo da apresentação realizada durante o XIX Curso de Editoração Científica da ABEC em Campinas, 2011.

(2) Editor-chefe *Scientia Agricola* (www.scielo.br/sa).E-mail: alleoni@esalq.usp.br

A *Scientia Agricola* é uma publicação bimestral. De acordo com REICHARDT (1992), a mudança ocorrida não foi uma simples mudança de nome, pois o objetivo era consolidar a revista como o periódico institucional da Universidade de São Paulo que cobriria a área das ciências agrárias. Na época, o editor-chefe destacava que a *Scientia Agricola* estava “aberta a qualquer publicação original que contribua à ampliação de nossos conhecimentos nas ciências agrárias”. Destacava também que a revista “possui um corpo de revisores de alto nível, em sua maioria externo ao Campus de Piracicaba, e até do exterior”. Esperava-se, com a mudança do nome, tirar o caráter endógeno da revista, que durante muito tempo foi o veículo de divulgação dos resultados de docentes da ESALQ.

A revista *Scientia Agricola* está indexada em várias bases de dados nacionais e internacionais, destacando-se a base SciELO, na qual está indexada desde o início, em 1998, e a Web of Science, do Institute for Scientific Information (ISI), tendo sido indexada em 2004. Publica, em média, 110 artigos por ano.

Tem apresentado aumento constante no fator de impacto (FI) ao longo dos anos (Tabela 1). Na mais recente avaliação do ISI, referente a 2010, a *Scientia Agricola* foi a revista brasileira de mais alto FI na área de Ciências Agrárias e a 20.^a revista, considerando-se todas as áreas do conhecimento.

Tabela 1. Fator de impacto (FI) da revista *Scientia Agricola* na Web of Science, do ISI

Ano	FI	FI sem autocitação	Porcentagem de autocitação
2006	0,298	0,234	20
2007	0,620	0,475	23
2008	0,700	0,553	21
2009	0,782	0,574	26
2010	0,816	0,614	24

Características gerais de um periódico de qualidade

1) Credibilidade

Dois pontos são preponderantes em periódicos considerados “referências”, independentemente da área do conhecimento: QUALIDADE e CREDIBILIDADE.

Uma revista deve ter **qualidade** para atrair bons autores, que vislumbrem no periódico um meio adequado para publicação de seus resultados. Além disso, é preciso ter **credibilidade**, o que se consegue após anos de trabalho intenso e linear, dentro de uma proposta assumida pelo Editor-chefe e compartilhada por todos os membros da Comissão Editorial, da secretaria, da editoração, da diagramação, etc.

A Comissão Editorial deve, permanentemente, elevar e manter o padrão de qualidade. Um dos primeiros passos é fixar o escopo da revista, ou seja, definir a política editorial! Embora pareça óbvio, muitas revistas não têm uma definição clara do público-alvo. É preciso que a Comissão Editorial deixe claro qual o escopo da revista, que público pretende atingir. O que se espera da revista: que ela seja científica? De extensão? De consultório?

A *Scientia Agricola*, por exemplo, tem por objetivo publicar artigos originais que contribuam para o desenvolvimento científico das Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Trata-se, portanto, de um periódico com um foco predominante em pesquisas de relevância, que tragam efetiva contribuição

ao estado atual da arte dos temas em questão. Espera-se que os artigos tragam uma introdução ao assunto e/ou a identificação do problema a que se propôs investigar. A metodologia deve ser descrita com o devido detalhe, e os resultados devem ser apresentados e discutidos com o detalhamento exigido. Espera-se que os autores expliquem as causas de seus resultados, que deverão ser confrontados com referências bibliográficas nacionais e internacionais.

Quanto mais rigoroso o processo de avaliação dos autores, mais os editores devem avaliar a originalidade do artigo, quais informações novas esse artigo traz aos leitores e, conseqüentemente, qual a probabilidade de citação do referido artigo em publicações futuras. Um artigo que não seja citado vai prejudicar o FI da revista.

2) Valorização da Comissão Editorial

Os editores têm papel decisivo na manutenção e no incremento da qualidade de um periódico. Eles devem ter participação efetiva na avaliação dos artigos, com rigorosa avaliação inicial, seguida pela escolha correta dos revisores e pela avaliação de seus pareceres. Devem, também, analisar criticamente a versão corrigida encaminhada pelos autores e, a partir daí, tomar sua decisão final.

A seguir, são listadas algumas questões gerais que devem ser feitas pelos editores na avaliação inicial: (a) O título está adequado? (b) O resumo está escrito de forma clara? Ele é completo? Tem justificativa? Apresenta o problema, os objetivos, métodos e resultados? (c) A relevância da pesquisa é discutida de forma clara? (d) Os métodos são descritos adequadamente? (e) Os resultados foram corretamente analisados (análise estatística) e discutidos?

3) Independência da Comissão Editorial

A Comissão Editorial de um periódico de qualidade deve ter liberdade e independência para tomar decisões que julgar pertinentes, desde que calcadas em bases sólidas de qualidade. A Comissão Editorial do periódico não deve aceitar ingerências e/ou intromissões na política editorial da revista, seja ligada a sociedades científicas seja a instituições de pesquisa e/ou ensino.

4) Importância da divulgação

A divulgação do periódico em seu meio é fundamental, principalmente para relatar à sociedade científica detalhes de eventuais modificações efetuadas pela Comissão Editorial para incrementar a qualidade do periódico. Dessa forma, destacam-se: (a) A divulgação por via impressa ou eletrônica dos artigos publicados em fascículos recentes; (b) O convite a profissionais de renome para publicarem seus artigos na revista; (c) A presença de membros da Comissão Editorial em eventos científicos da área em questão; (d) A busca pela indexação nas principais bases de dados.

5) Respeito aos autores

As revistas dependem dos autores e não o contrário. É preciso que isso esteja bem claro para todos os membros das Comissões Editoriais. Os autores devem ser tratados como clientes, e receber tratamento respeitoso e amistoso em todas as fases de avaliação do manuscrito.

Um dos pontos principais é explicar claramente os motivos de eventual rejeição de artigo. Trata-se de uma difícil decisão da Comissão Editorial, mas que devem ser conduzida de forma profissional e imparcial.

6) Treinamento de pessoal

A maioria dos membros das Comissões Editoriais não é formada por profissionais da área de Editoração. Por isso, o treinamento é sempre uma ferramenta interessante para que editores e secretárias tomem conhecimento de recursos para o adequado desenvolvimento do periódico. Dentre os treinamentos, destacam-se (a) Cursos de editoração, sendo os principais os coordenados pela Associação Brasileira de Editores Científicos; (b) Cursos de secretariado; (c) Cursos de relacionamento humano e tratamento a clientes; (d) Cursos de língua portuguesa e/ou inglesa (para revistas que publicam todos ou parte de seus artigos em inglês), etc.

A decisão de passar para o inglês: vale a pena?

A *Scientia Agricola* publica todos os artigos em língua inglesa desde 2003. Frequentemente, é feito o questionamento sobre a validade dessa exigência. A decisão de somente publicar artigos em língua inglesa foi tomada com intuito de aumentar o leque de leitores dos artigos brasileiros, que muitas vezes são de excelente qualidade, mas ficam restritos a um público diminuto, pelo fato de estar escrito em língua portuguesa. Estima-se que 200 milhões de pessoas falem português no mundo, em relação a uma população total de 7 bilhões de pessoas.

O fato de uma revista ser escrita totalmente em inglês aumenta significativamente o leque de opções para avaliação dos artigos. Nos últimos três anos (de 2009 a 2011), cerca de 60% dos cientistas que atuaram como revisores de artigos da *Scientia Agricola* eram estrangeiros (Figura 1). Artigos publicados em inglês têm grande probabilidade de ser citado por autores internacionais. Mais de 70% das citações da *Scientia Agricola* são provenientes de outras publicações, o que confere baixo índice de autocitação à revista (Tabela 1).

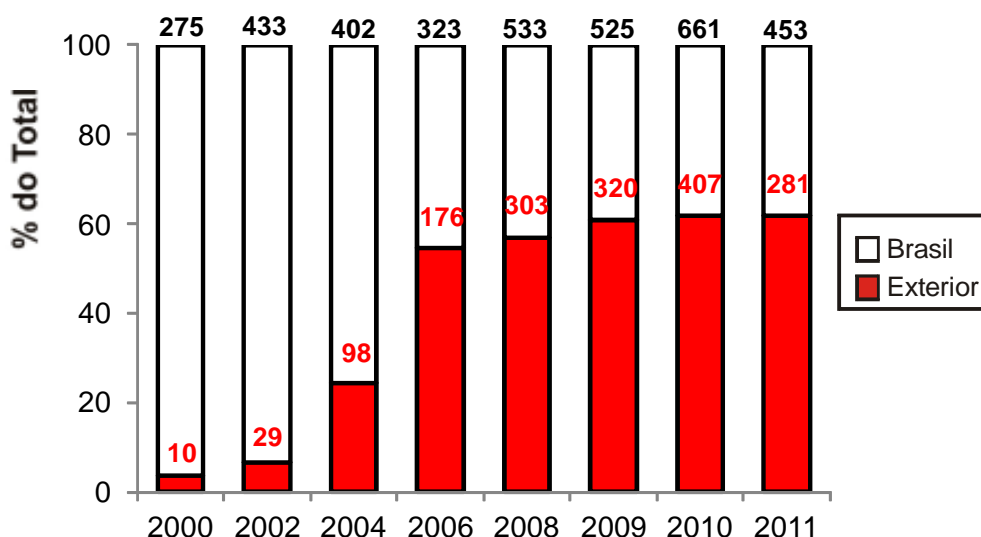


Figura 1. Participação de revisores do exterior na avaliação de manuscritos submetidos à *Scientia Agricola*.

A publicação em inglês atrai autores de outros países para publicarem seus artigos. Em 2001, cerca de 2% dos artigos publicados na *Scientia Agricola* eram de autores externos. Atualmente, esse índice chega a 15%. No início da década passada, cerca de 50% dos artigos publicados eram de pesquisadores do Campus “Luiz de Queiroz”, hoje, porém, esse número não chega a 20%. Atualmente,

o fator de impacto da SA é de 0,816 (Tabela 1), e mais de 60% das citações são provenientes da comunidade científica internacional.

Sugestões para incrementar a qualidade do periódico

1) Escolha dos membros da Comissão Editorial: devem ser convidados pesquisadores e/ou professores com histórico de publicações, de preferência em revistas indexadas em reconhecidas bases de dados e que estejam comprometidos com a política editorial da revista;

2) Definir o prazo do “mandato” dos editores: permite que a dedicação seja intensa durante o período pré-estabelecido entre o Editor-Chefe e o editor convidado. Para evitar constrangimentos, pode-se definir que durante o mandato o editor não submeta artigos para avaliação na revista;

3) Evitar endogenia na composição da Comissão Editorial: é saudável que haja pluralidade institucional entre os membros da Comissão Editorial;

4) Convidar revisores de reconhecida competência para avaliação dos artigos;

5) Manter a uniformidade na qualidade dos artigos publicados;

6) Diminuir “com qualidade” os tempos de recebimento e publicação: é importante que os tempos entre a submissão do manuscrito e o aceite (tempo I) e entre o aceite e a publicação (tempo II) sejam reduzidos, mas isso não pode ser feito em detrimento à qualidade da avaliação;

7) Manter a pontualidade a todo custo;

8) Agilizar o fluxo de avaliação: cada vez mais é utilizado o sistema de avaliação de artigos e submissão de pareceres e versões corrigidas *online*;

9) Evitar elevada autocitação: evitar estímulo à citação de artigos da própria revista. A citação de artigos do próprio periódico pode ocorrer, mas deve ser um processo natural e, de forma alguma, incentivado ou exigido pela Comissão Editorial. Há relatos de revistas excluídas de bases de dados internacionais por apresentarem índices de autocitação da ordem de 70% a 90%.

Algumas questões para reflexão

- Que “impacto” esses fatores de impacto (FI) terão na avaliação dos Programas de Pós-Graduação brasileiros nos próximos anos?

- Um alto FI de determinada revista estará, necessariamente, associado à internacionalização da ciência brasileira? Esse fato deve ser levado em conta?

- Devemos começar a pensar no fator de impacto sem autocitação?

REFERÊNCIA

REICHARDT, K. Nota do editor. *Scientia Agricola*, v. 49, n. especial, 1992. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-90161992000400001&lng=pt&nrm=iso. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-90161992000400001>.

A qualidade esperada em manuscritos na ciência internacional (1)

Gilson Luiz VOLPATO (2)

Resumo

Após definir o que seja uma revista científica internacional, discuto a importância da publicação internacional e apresento classificação lógica dos níveis das revistas científicas. A partir daí, mostro onde podemos aprender a dinâmica da ciência internacional, com seus requisitos mínimos. Ao final, mostro os principais elementos das partes de um artigo científico e do estilo de redação, considerando a qualidade esperada para uma publicação internacional eficiente.

O que é uma revista internacional?

Considerando a revista científica um veículo de divulgação de achados científicos, para ser internacional ela deve *veicular artigos de cientistas de vários países*. Seus conteúdos devem também *ser usados por cientistas de vários países*, pois, do contrário, seria um veículo internacional rejeitado. Essas duas características são necessárias para que o periódico seja internacional. O idioma internacional é apenas uma estratégia, mas não garante internacionalização.

Por que ciência internacional?

A busca por publicação internacional não é xenofilia. Poderia ser em outros assuntos, mas não na ciência. Tal publicação, conforme definido acima, revela que teremos maior possibilidade de críticas, fundadas em diferentes culturas, o que pode minimizar equívocos teóricos. Vejamos o caso do Brasil. Durante muito tempo, muitas áreas ficaram restritas à chamada “ciência nacional”, o que as levou a algumas reverberações de erros, sejam de escrita, de fundamentações e lógica, de delineamento de estudo, de análise e interpretação de dados etc. Vários desses equívocos têm sido empecilhos para adentrarem na ciência internacional e muitos estão descritos detalhadamente em Volpato (2010b). Quando o conhecimento sobrevive a uma análise de várias nacionalidades e tendências culturais, é provável que tenha menos equívocos. Essa é a expectativa.

O nível das revistas

Em uma análise lógica dos níveis de revistas científicas, segundo Volpato (2011 a, b), podemos classificá-las como segue:

Revistas Internacionais: são as definidas no item 1 e as divido em dois níveis. As Revistas de Impacto (*Impact Journals*), que são conhecidas dentro da especialidade; e as de Alto Impacto (*High Impact Journals*), que são conhecidas pelos cientistas de mais especialidades. As de Alto Impacto possuem esse perfil por dois motivos principais: publicam artigos de várias áreas (ex. *Science*, *Nature*, *PNAS*) ou publicam assuntos de interesse geral, mesmo que numa área (por ex., temas como HIV, câncer, aquecimento global etc.).

(1) Resumo da apresentação realizada durante o XIX Curso de Editoração Científica da ABEC em Campinas, 2011.

(2) Editor-chefe - Annual Review of Biomedical Sciences. E-mail: volpgil@gmail.com

Revistas Regionais: não são internacionais. O alcance pode ser em uma cidade, uma instituição, um estado, um país ou um continente, mas não muito maior que isso. Constituem duas classes. As Revistas Sem Impacto (*No Impact Journals*), que não têm qualquer influência⁽³⁾ (são conhecidas e usadas por número muito restrito de autores, geralmente da instituição da revista). As Revistas de Baixo Impacto (*Low Impact Journals*), que são conhecidas e usadas por autores mais diversificados, de várias instituições, mas ainda restritas a uma região.

As Revistas de Alto Impacto avaliam rigidamente ciência e forma de comunicação. As Revistas de Impacto avaliam predominantemente ciência. Nos últimos anos vejo que as Revistas de Impacto começam a importar conceitos de comunicação presentes nas Revistas de Alto Impacto. Conhecer esse panorama auxilia o autor a entender, inclusive, porque seu artigo foi negado.

Com essa divisão em quatro níveis, fica claro que, por qualquer critério que se estabeleça, alto número de publicações em revista de um nível inferior não deve equiparar o cientista com aquele que publica em níveis superiores. Esse requisito, por exemplo, não ocorre na avaliação capes da pós - graduação, em que duas ou três publicações de menor qualidade podem equivaler a uma publicação de excelência.

Onde aprender os requisitos para publicação internacional?

Primeiramente, note que ao ser criticado por editores e revisores de uma revista, evitará o que lhe indicaram como erro e repetirá os acertos indicados. Se esses juízes transmitem conhecimento correto, isso contribui para seu crescimento. Do contrário, afasta-o do caminho da qualidade. Portanto, não submeta manuscritos a revistas cujo corpo editorial não tenha a experiência científica internacional necessária (geralmente aqueles de periódicos regionais).

Embora entre as diversas disciplinas haja critérios universais sobre a construção de um manuscrito, há também os cacoetes de áreas (suas especificidades). Assim, o aprendizado deve levar-nos a entender esses dois universos. Resumo abaixo uma forma prática para caminharmos nesse sentido (veja Volpato, 2010a,b, 2011a).

Inicialmente, escolha o nível de revista que deseja publicar [pode até se balizar por uma faixa de fator de impacto (JCR)]. Leia artigos de revistas dessa faixa, observando que não sejam artigos de autores consagrados e nem de países consagrados (da *main stream*). Preferencialmente, veja artigos de autores de seu próprio país e que publicaram nesse nível almejado. Isso é proposto porque os autores consagrados (pela competência ou pela origem) conseguem publicar equívocos que, no nosso caso, serão negados. O preconceito na avaliação de manuscritos é uma realidade que deve ser entendida, enfrentada e, principalmente, superada. De posse desses artigos, examine dois aspectos fundamentais: o objetivo/conclusão do estudo, procurando entender porque os editores resolveram publicar essa notícia; a robustez metodológica, para entender principalmente a elegância e adequação do delineamento e das técnicas usadas, bem como do tamanho amostral/número de réplicas. Com base nessas informações, decida qual projeto escolherá para executar.

Note que a proposta acima pressupõe um mínimo de planejamento na atividade científica. Ou seja, você não faz um estudo para ver onde se encaixará, mas escolhe onde pretende publicar, para, posteriormente, se programar para atingir tal nível. Essa postura resulta num grande aprendizado ao longo dos diversos projetos escolhidos.

⁽³⁾ Não necessariamente o fator de impacto do *Journal Citation Reports* (JCR). Apenas impacto que pode ser avaliado pelo JCR ou não.

O que é necessário para uma publicação internacional?

O Brasil tem crescido muito internacionalmente em vários setores⁽⁴⁾ e também na ciência. Porém, se esse crescimento não for acompanhado por uma base sólida, certamente desmoronará. No caso das publicações científicas, isso equivale a buscarmos qualidade para nossos artigos e não apenas aumentar seu número. Nem tudo o que está publicado está adequado ou serve para ser usado pela sua sociedade científica.

Ciência equivocada não pode gerar artigos de boa qualidade, pois se o gerar é enganação. Mas, ciência bem feita, de qualidade, pode gerar artigos ruins ou de alta qualidade, dependendo da presteza do autor na construção do manuscrito. Vejamos a seguir quatro itens necessários para um manuscrito internacional, cada um deles proporcional ao nível da revista.

1) Novidade da conclusão

A essência de todo artigo é sua conclusão. Mesmo que seja numérica, será suficientemente teórica para ser considerada conclusão. Os dados representam apenas as evidências nas quais nos baseamos para elaborarmos e validarmos nossas conclusões. Assim, são as conclusões que devem ser fortes e trazer novidades. Um cientista não lê um artigo para receber informações que já são amplamente esperadas. Ele quer novidade, assim como o caro leitor em relação a este texto.

E novidade decorre mais de nossas ideias do que de ferramentas tecnológicas. Lógico que algumas áreas requerem técnicas mais sofisticadas, mas, mesmo nessas áreas, as novidades devem ultrapassar as técnicas. Veja que quando Watson e Crick propuseram a estrutura da molécula do DNA, eles romperam tradição (por ex., de três para duas fitas) e, com os poucos dados que tinham em mãos, foram suficientemente criativos para enxergarem longe. O que falta hoje na ciência é mais criatividade. O quanto estamos financiando da ciência de risco, da ciência inovadora? Não estamos sendo muito complacentes com as “mesmices”, aquelas que concluem apenas para reforçar o que já se sabe ou é altamente esperado?⁽⁵⁾ Esse tipo de notícia não interessa à ciência internacional, particularmente quando publicada por algum cientista de país que não tem tradição em ciência e cuja história revela um “*pedigree*” desconhecido.

2) Metodologia robusta

As técnicas de coleta de dados evoluem. Assim, estar atualizado é fundamental. Lembre-se que seu discurso está inserido numa sociedade científica, aquela de sua especialidade. Eles podem ou não aceitar suas técnicas. Como elas são muito importantes para a qualidade dos resultados, que são o esteio das conclusões, mantenha todo rigor ao escolhê-las.

Outro aspecto é o tamanho amostral ou número de réplicas, que depende de três fatores: a necessidade estatística, a viabilidade técnica e costumes da área. Embora o primeiro possa ser calculado mais objetivamente, os outros dois só podem ser percebidos nos artigos publicados. Esses artigos revelam a ponderação razoável entre esses fatores. Se a necessidade estatística exigir 50 casos, mas a viabilidade técnica permitir 20, então não serão usados 50. Note que a exigência por esse

⁽⁴⁾ Infelizmente, tal evolução é mínima na área da educação, principalmente na mais básica.

⁽⁵⁾ A pressão por prazos na pós-graduação ou nos editais de financiamento pode levar pesquisadores menos qualificados a buscar a ciência da mesmice, aquela que sabemos de antemão que dará certo.

tamanho varia em função dos costumes da área e da qualidade da revista. Todo estudo publicado em revista de bom nível utilizou o tamanho amostral suficiente para as análises, foi possível de ser feito, e conforma-se com o esperado pelos cientistas da área.

3) Resultados evidentes

Ciência de qualidade não se constrói com dados duvidosos, resultados que “batem na trave”. Se há algo, deve ser claro, visível. Gráficos cujo entendimento requer um curso prévio de estatística não ajudam muito. Baseie-se no que é visível. Se numérico, sustentado por estatística sólida (não use tendências). Se seus dados dão tendência, aumente a amostra e consiga uma resposta clara. Quando a estatística e o visual não indicam claramente a mesma coisa, você pode até publicar, mas terá dificuldades para conseguir credibilidade dos leitores.

4) Apresentação impecável

Ninguém gosta de ler algo mal escrito. Ninguém gosta de ouvir quem não sabe se expressar oralmente. Antigamente isso não era um problema muito grave, pois faltavam informações. Hoje vivemos a era do excesso da informação, em que a triagem é fundamental. Nesse quadro, muitas pesquisas de conteúdo de boa qualidade (que sustentam boas conclusões) ficam esquecidas por serem expostas de forma intragável. As revistas internacionais reconhecem esse fato. Note que é comum revisores internacionais comentarem que, da forma como o manuscrito está redigido, os leitores terão dificuldade para entender o estudo.

Estruturação do manuscrito

Para construir um texto enxuto, direto ao ponto, faça da seguinte forma (Volpato, 2011a,b): discuta os dados até elaborar todas as conclusões sólidas do estudo; em seguida, apresente oralmente seu estudo completo, várias vezes, até que todo o discurso esteja extremamente claro e coerente. Neste momento, deverá ter condições de escrever o Resumo, mesmo que decida escrevê-lo ao final. Após essa fase, inicie a redação, para o que é importante seguir a sequência divulgada por Magnusson (1996)⁽⁶⁾: redija as conclusões; selecione os resultados necessários para sustentá-las e escreva o item Resultados; redija os Métodos, incluindo apenas os necessários para os resultados que apresenta; redija agora a Discussão, depois a Introdução e, finalmente, dê um Título ao estudo. Seguirei essa sequência.

1) Conclusões

Devem ser escritas no presente, quando o estudo se baseou numa amostra para se referir a uma população. Será no passado apenas se a conclusão explicar um fenômeno passado. Reduza-as ao menor número possível, colocando-as em linguagem de fácil entendimento e voltada para o fenômeno estudado, priorizando as variáveis teóricas (Volpato, 2007). Basicamente, pode referir-se a três fenômenos lógicos (vide Volpato, 2007, 2010a,b, 2011a,b): descrição de uma variável, associação entre variáveis ou associação com uma variável interferindo na outra.

⁽⁶⁾ Veja detalhamento e complementos em VOLPATO (2010a,b, 2011a,b).

2) Resultados

Limite-se aos necessários e suficientes (não é relatório!). Não pense que quanto mais, melhor. Apresente-os com elegância, dando ênfase proporcional à importância do resultado. Essa ênfase pode ser dada mostrando-o como Figura, ou secundariamente, como Tabela. Apresentação por escrito dá menor ênfase.

Se a pesquisa é descritiva, prefira Tabelas ou texto. Se testar hipótese de associação ou associação com interferência entre variáveis, prefira Figura, pois ressaltam as diferenças e igualdades e os números são secundários.

Em geral, o texto é curto quando a maioria dos resultados está na forma de Figura ou Tabela. Isso ocorre porque não devemos repetir dados de Figuras em Tabelas, e vice-versa, e nem repetir no texto dados que estão num desses dois formatos. Ao indicar ao leitor uma Figura ou Tabela, não repita as variáveis (ex., os valores de umidade e germinação estão na Figura 1); indique ao leitor o que ele deve olhar na Figura 1 [ex., a taxa de germinação aumentou proporcionalmente à umidade (Figura 1)]. Ao fazer essa indicação, estará ajudando o leitor a melhor compreender qual foi o raciocínio do autor, pois ele dependerá disso para avaliar se concorda ou não com esse raciocínio. No caso de Figuras e Tabelas, zele para que sejam claras e não poluídas (veja detalhamentos em Volpato, 2011a). Elas devem obedecer à lógica da pesquisa e não a costumes.

3) Métodos

Deve permitir ao leitor, com o mínimo de informações, reconstituir o estudo. É fundamental para que o artigo seja entendido. Muitas dúvidas acontecem neste capítulo, pois os autores estão habituados com os procedimentos e se esquecem de que os leitores podem não saber do que se trata. Assim, examine sempre se qualquer outro cientista, mesmo que de área correlata, entenderá.

Uma sugestão que apresento é estruturá-lo partindo do que for mais geral para, então, apresentar os aspectos mais específicos. Assim, inicie com a caracterização do sujeito do estudo (organismo ou região de estudo). Apresente agora o delineamento intelectual de sua pesquisa. Uma forma elegante de apresentá-lo é por meio de Figura, deixando para o texto apenas os detalhes da explicação. O terceiro tópico tratará dos procedimentos específicos, incluindo aqui todo detalhamento técnico para coleta dos dados e manutenção dos organismos, se for o caso. Ao final, inclua como os dados foram analisados (em alguns casos, isso pode ser dispensável e os testes estatísticos indicados no próprio item Resultados).

4) Discussão

A Discussão deve ser sintética, indo direto ao ponto. Nela fundamentamos as conclusões. Ou seja, mostramos aos leitores o porquê dos dados obtidos, do delineamento usado e do que se sabe atualmente (literatura) e por que devemos aceitar as conclusões do trabalho. Para construir esse texto não há regras rígidas, pois é um texto argumentativo entre você e o leitor. Apesar disso, uma forma interessante de estruturá-lo é iniciar com as principais conclusões. Esse início dá norteamento ao leitor para melhor entender, e criticar, sua argumentação. Lembre-se de que para validar cada conclusão poderá ser necessário mostrar que as técnicas estavam corretas, que não houve erro lógico (delineamento) e que os resultados são válidos. Note que a literatura entra no texto cada vez que você precisa de alguma informação já publicada. Portanto, o objetivo não é citar, mas cita-se ao desenvolver e sustentar um discurso.

5) Introdução

O objetivo na Introdução é apresentar ao leitor seu estudo. Para isso, valide o tema e, fundamentalmente, o objetivo de sua pesquisa. Nessa justificativa não deixe escapar nada. Lembre-se que cada pressuposto do objetivo deve ser justificado, nada deve ser por “chute”, ou ensaio-e-erro. Esqueça o que algumas agências reverberam, de que Introdução é um texto separado das Justificativas, pois esse ensinamento está errado. Em qualquer artigo internacional a Justificativa é parte integrante da Introdução.

Havendo necessidade, poderá definir alguns termos pouco usuais, pois isso pode aumentar o alcance de seu estudo para leitores além da especialidade. Mas note que não cabe na Introdução ficar discorrendo sobre as variáveis do estudo ou o organismo investigado. Se isso for necessário, será porque esses detalhes ajudam a validar ou contextualizar o estudo. Ou seja, na Introdução conte a história que seu estudo desvendou.

Uma estratégia mais ousada, e mais interessante, é substituir a tradicional apresentação dos objetivos pelas principais conclusões do estudo. Ou seja, ao invés de dizer o que investigou, diga o que achou. Essa atitude pressupõe que o leitor prefere ler um texto para o qual saiba que existe uma conclusão interessante, àquele que pode não ter chegado a nada de novo. Um artigo científico não é livro de suspense. Ao conhecer a conclusão, o cientista de bom nível não perderá o interesse; ao contrário, ficará estimulado para saber como isso foi demonstrado, para avaliar se concorda ou não.

6) Título

Se o título não for interessante, possivelmente menos leitores usufruirão de sua contribuição. Assim, capriche nele. Não há regras de construção. Mire naquilo que lhe parece melhor atrair a atenção do leitor, zelando para que seja curto, fiel ao conteúdo (não pode ser enganoso, jornalístico) e compreensível para leitores de temas correlatos. Esqueça jargões de área e mesmices como “grupo taxonômico, local do estudo, o que, onde e quando”, entre outras pérolas de nossas construções (vide Volpato, 2010b).

Embora o Título possa ser direcionado para o tema ou para o objetivo da pesquisa, uma forma mais interessante é direcioná-lo para a Conclusão. Mostre claramente o que o leitor encontrará ao ler seu artigo.

7) Resumo

Há dois tipos básicos de Resumo. Num deles, nada há além do Resumo, como no caso daqueles em congressos. Portanto, pode incluir mais detalhes. Chamo esse Resumo de Miniatura do Estudo. Porém, numa monografia, tese ou artigo, há o texto completo depois do Resumo. Assim, ele deve apenas indicar ao leitor a beleza do conteúdo principal do texto, convidando-o a entrar. Chamo este Resumo de criativo, sem regras rígidas. Ele deve ser curto (algo com até 100 palavras) (7) e informar o essencial. Geralmente não possui todas as partes do trabalho. Por exemplo, pode conter três frases, uma contextualizando a problemática (com informações úteis para se entender o seguimento), outra relatando os principais efeitos detectados e uma última frase com a conclusão mais geral do estudo. Isso é suficiente, pois o leitor terá o texto completo para ler. Pode também iniciar com o delineamento do estudo,

(7) Não é um valor absoluto, mas apenas um balizador para seu bom entendimento.

desde que seja suficientemente claro para o leitor entender qual foi o objetivo da pesquisa (ou seja, não precisamos do célebre “O objetivo deste estudo foi...”). Lembre-se, Resumo curto é lido!

8) Citações

Não dê dupla interpretação; seja exato. Assim, só cite o que leu e vá direto ao ponto. Prefira formas econômicas, retirando o autor da frase e colocando-o ao final entre parênteses. Ao citar vários processos, zele para que o leitor saiba exatamente qual citação se refere a cada processo. Num parágrafo, não deixe dúvidas sobre quem é o dono de cada frase (pela citação ou, na ausência dela, o dono é você). Para isso, não basta incluir citação apenas na primeira ou na última frase do parágrafo (esta regra não existe!). Evite citação indireta (artigo A que você leu no artigo B). Prefira as referências em idioma internacional e em periódicos de inegável qualidade. Só cite teses (mesmo as redigidas em inglês) se não houver outra possibilidade, pois isso enfraquecerá seu estudo. Não cite Resumos, exceto quando quiser apenas mostrar que há pessoas estudando determinado assunto (no mais, ele é uma base fraca, pois você não pode avaliar os detalhes do estudo para decidir se aceita ou não as informações). Se tiver vários estudos à disposição, escolha o mais recente e com boa qualidade (só inclua algo mais antigo, se foi o autor original da informação). A citação de artigo recente mostra que o conhecimento citado ainda é válido na atualidade. Economize no número de citações – o que vale é a qualidade e não a quantidade.

Estilo da redação

Dentre os muitos detalhes do estilo científico, resalto aqui os mais relevantes. Note que a maioria deles não ocorre em revistas regionais. Assim, chamo de estilo científico internacional. São eles:

- Prefira redigir na primeira pessoa (preferencialmente nas Revistas de Alto Impacto). Isto equivale a ser condizente com pressupostos filosóficos sobre a construção do conhecimento científico. Você se baseia em evidências para construir conclusões, que são teóricas, produtos do pensamento. Essa construção é impregnada pela visão de seu construtor, seus vícios e paradigmas. Assim, os dados não determinam as conclusões, mas servem de sinais que os cientistas mesclam com suas ideias, construindo suas interpretações. Portanto, o texto discorre sobre a interpretação do autor. Caso escreva “conclui-se”, está sendo prepotente, ao achar que qualquer pessoa (uso do impessoal) concluirá aquilo a partir das evidências que você apresentou. É mais coerente e adequado, epistemologicamente falando, concluir no pessoal, quando você diz o que vê e interpreta. Se essa visão for contemplada por outros cientistas, essa conclusão se torna conhecimento científico (veja Volpato, 2007).
- Use palavras simples. Não caia na armadilha da especialidade. Os bons periódicos internacionais querem que leitores de várias especialidades utilizem o que publicam. Se usar termos muito específicos, de conhecimento erudito, certamente limitará o alcance de seu texto, o que não é bem visto na ciência internacional.
- Use frases diretas (evite agente da passiva): sujeito + verbo + complemento. Esse formato segue a

lógica das ações. A frase indireta (voz passiva) inverte a ação, colocando o efeito antes da causa, geralmente a torna maior.

- Não seja prolixo. Reduza todo e qualquer excesso (conteúdo específico e palavras). Se puder dizer com 10 palavras, não use 11. Este é um dos principais motivos de negação, ou causa de repulsão, aos textos de pessoas inexperientes quanto à ciência internacional.
- Faça frases curtas. Coloque uma ideia em cada frase, exceto se uma delas for extremamente curta. Não há limite métrico, mas o bom senso deve priorizar.
- Una as frases e ideias com conjunções, para que o texto não fique truncado, tendo ritmo.
- Não diga que algo é importante; demonstre. Apresente evidências que levam o leitor a perceber a importância. Geralmente, quando o autor fala muito que algo é importante, apenas significa que ele considera essa importância, mas que não tem qualquer evidência concreta sobre isso.
- Não faça parágrafos de uma frase. Cada parágrafo defende uma ideia. Apresente-a na primeira frase e use as demais para demonstrá-la (pelo mesmo motivo de iniciar a Discussão pelas conclusões – vide item 6, subitem Discussão). A extensão depende dessa demonstração: mude de parágrafo quando ela for concluída e não em função do tamanho do parágrafo.

REFERÊNCIAS

MAGNUSSON, W.E. 1996. How to write backwards. **Bulletin of the Ecological Society of America**, v.77, p.2, 1988.

VOLPATO, G. L. **Bases teóricas para redação científica**. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica; Vinhedo: Scripta, 2007. v.1. 125p.

VOLPATO, G.L. **Dicas para Redação Científica**. 3.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010a. v.1. 152p.

VOLPATO, G.L. **Pérolas da Redação Científica**. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010b. 189p.

VOLPATO, G.L. **Método lógico para redação científica**. 1 ed. Botucatu: Best Writing, 2011a. 320p.

VOLPATO, G.L. The logic of scientific writing. **Sistemas de Informação**, v.7, p.2-5, 2011b.

Opinião de um editor científico: Manuscrito científico de qualidade - o que está faltando? ⁽¹⁾

Gustavo HABERMANN ⁽²⁾

Resumo

Neste capítulo, são descritas as principais ideias discutidas na palestra “*Manuscrito científico de qualidade – o que está faltando?*”, apresentada durante a comemoração dos 70 anos de Bragantia. Trata-se da opinião de um editor científico sobre a ideia de qualidade de um manuscrito científico. Uma pequena introdução tenta descrever que as estratégias de uma nação passam pela organização da comunidade científica, com efeitos diretos sobre as pesquisas realizadas, sobre a presença de periódicos científicos qualificados e sobre a receptividade das ideias dos cientistas da nação. Embora as diversas áreas do conhecimento sejam substancialmente específicas, exigindo formações completamente distintas, a linguagem científica é comum para todas as áreas. Logo, a construção do conceito de qualidade de um manuscrito científico acaba sendo universal. Neste capítulo, são discutidos como se forma a abstrata ideia de qualidade de um texto e a importância do tripé justificativa(s) - resultados - linguagem, para a apresentação de uma ideia inovadora e interessante. Apresento também os aspectos que reforçam o que os editores e revisores de um periódico “querem” publicar e as características de bons autores de artigos científicos. Além disso, também são discutidos, de forma prática e com exemplos da minha experiência como editor de Bragantia, os deslizes que se deve evitar ao se conceber a ideia da pesquisa e, posteriormente, redigir e submeter um manuscrito científico. Diferentemente de um artigo científico, este texto contém apenas citações essenciais da literatura para sustentar minhas opiniões acerca da qualidade dos manuscritos.

Introdução

A qualidade, organização e o número de periódicos científicos de uma nação representam a estrutura, o comprometimento e, sobretudo a receptividade da comunidade científica do País.

No Brasil, parte dos periódicos científicos está bem consolidada, com acesso livre e internacional, graças ao sistema Scielo (MENECHINI, 1998). A maioria desses periódicos é institucional ou vive sob a guarda das sociedades e associações científicas brasileiras. Contudo, muitos periódicos científicos brasileiros de diversas áreas do conhecimento, com heróica dificuldade têm-se mantido sob a guarda de Instituições e novas associações científicas.

A máxima descrita na primeira sentença desse capítulo reflete o potencial estratégico das diferentes áreas da ciência e tecnologia de qualquer nação. Entretanto, não parece haver uma grande correlação entre os problemas (científicos) de uma nação e o número ou a qualidade de periódicos de determinada área. Nesse contexto, em alguns estudos, verifica-se que, por exemplo, a prevalência de doenças psiquiátricas de uma nação não influencia a qualidade das revistas ou pesquisas realizadas em psiquiatria nesta nação. Em uma das reuniões da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC) destacou-se tal fato, mostrando que na América do Norte não há sérios problemas psiquiátricos, como há em regiões mais desfavorecidas do mundo, mas nem por isso naquela região estão os piores

⁽¹⁾ Resumo da apresentação realizada durante o XIX Curso de Editoração Científica da ABEC em Campinas, 2011.

⁽²⁾ Editor-associado Bragantia. E-mail: ghaber@rc.unesp.br

ou o menor número de periódicos devotados ao estudo da ciência psiquiátrica (KIELING et al., 2009). Logo, essas reflexões podem ser válidas para todas as áreas do conhecimento, inclusive a agricultura e tecnologia.

Deixando-se as doenças ou os problemas (científicos) de lado, pode-se retomar a sentença inicial do presente texto. A tecnologia ou os investimentos em tecnologia de um país passam pela capacidade científica deste, logo, é de se esperar que uma nação rica e desenvolvida tenha o maior número de depósitos de patentes, pesquisadores e os melhores periódicos científicos, o que é universalmente aceito. Países do oeste europeu, Canadá e EUA acabam contemplando essa máxima. Embora o Brasil tenha aumentado significativamente o número de publicações nos últimos anos, as publicações de real qualidade (resultando ou não no depósito de patentes) acabam ficando com a Dinamarca, Suíça e Alemanha; o Brasil, no quesito qualidade, aparece em 25.º lugar (TANCREDI, 2008).

Mesmo em países ricos, socialmente desenvolvidos e tecnificados, há bons investimentos nos setores básicos da economia e boa competitividade agropecuária. Embora o Brasil ainda seja um país socialmente subdesenvolvido e com baixo nível de educação, sua competitividade agrícola está entre as maiores do mundo. Porém, o Brasil não possui um incontável número de periódicos científicos de alta qualidade em agricultura. Há, no Brasil, importantes periódicos científicos devotados à ciência agrônoma, como a *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, *Scientia Agricola*, *Revista Brasileira de Sementes*, *Ciência e Agrotecnologia*, *Ciência Rural*, *Tropical Plant Pathology* (Antiga Revista Brasileira de Fitopatologia), *Crop Breeding and Applied Biotechnology*, *Horticultura Brasileira*, *Revista Brasileira de Ciência do Solo*, *Planta Daninha*, *Acta Scientiarum*, dentre outras, apenas para citar os mais lembrados. Contudo, **Bragantia** é um periódico devotado à ciência agrícola e está completando 70 anos de história. É um fato ímpar na história da pesquisa agropecuária científica brasileira.

Ter sido até hoje um dos mais importantes periódicos científicos da ciência agrônoma, exigiu a busca dos melhores manuscritos para serem publicados em suas páginas. Essa premissa pode não ter sido verdade no início, com poucas submissões e um papel extremamente árduo dos primeiros editores na simples busca por trabalhos científicos a serem publicados em **Bragantia**. Mas ao completar 70 anos (2011), **Bragantia** recebeu mais de 500 manuscritos por ano, com 87% de arquivamento, o que significa que os editores da revista mantêm um trabalho importante e ainda árduo de seleção dos melhores manuscritos, selecionados pelo mais importante fator da divulgação científica universal: a qualidade!

Contudo, a qualidade de um manuscrito científico intuitivamente representa a qualidade da informação contida nele. Como é definida, porém, tal qualidade? Por que um manuscrito é arquivado hoje na revista **Bragantia**?

A busca pela qualidade dos manuscritos em Bragantia

Todo manuscrito submetido à **Bragantia** passa hoje pela pré-análise dos editores de área. Nesta pré-análise, são avaliados quesitos relacionados ao conteúdo científico e ao formato ou apresentação. Logo, entende-se como qualidade, em **Bragantia** e possivelmente em muitas outras revistas, o conjunto do teor científico do trabalho e a apresentação, ou seu formato.

Justificando o título deste capítulo, discutir a qualidade de manuscritos científicos, talvez, passe a ideia de que os manuscritos publicados são de qualidade ímpar, o que nem sempre é verdade. Um

editor sempre procura qualidade, mas invariavelmente acaba encontrando deficiências. Se a quantidade ou a importância das deficiências ultrapassam a qualidade, possivelmente o manuscrito segue para o editor-chefe com recomendação de arquivamento.

Portanto, procuram-se manuscritos que contemplem boa apresentação e importância do problema científico na introdução, mostrando qual o tipo de pesquisa que o texto reportará.

De acordo com VOLPATO (2011) existem, para todas as áreas do conhecimento, três tipos de pesquisa. Segundo este autor, uma pesquisa pode ser descritiva, visando caracterizar algum objeto de estudo, que pode ser uma área experimental, ou uma espécie (nova ou não), por exemplo, e este tipo de pesquisa não exige hipótese(s). Outro tipo de pesquisa, que exige hipótese(s), envolve associação de fatores. Para exemplificar, é quando um fator “A” mostra certa associação com os fatores “B” e “C”. Ainda, esses fatores podem ter modelos de interferência explicando o fenômeno estudado, quando, por exemplo, a presença do fator “A” explica o aumento da resposta de “C” (VOLPATO, 2011). Logo, negligenciar esses três tipos de pesquisa consolidados desfigura qualitativamente qualquer manuscrito e é um forte argumento para a lista de deficiências.

Similarmente a uma aula, um diálogo, uma conversa, um manuscrito necessita mostrar que o tipo de pesquisa proposto (ideia) foi respondido com ferramentas (argumentos, no caso da conversa e métodos no caso da pesquisa científica) que foram ao encontro do problema científico apresentado na introdução. Não é incomum encontrar manuscritos que descrevam inúmeras análises realizadas, as quais pouco se aproximam do problema tratado ou sequer respondem o questionamento científico destacado na introdução. Logo, além do uso adequado dos métodos, referenciado com citações recentes e contundentes, a descrição dos métodos deve conter, dentro do menor texto possível, o caminho usado para obter as respostas da pesquisa tratada, seja descritiva, seja associativa, sendo esta com ou sem interferência de fatores.

A argumentação dos dados obtidos e os resultados indicadores devem servir para responder os destaques anunciados no início do trabalho. Logo, a discussão do manuscrito deve contemplar uma linha de raciocínio. Sem esta, mesmo que até este ponto o manuscrito esteja sem erros e com bom padrão científico, a análise crítica do material certamente perceberá a carência de substância desenvolvida para a ideia.

No entanto, de nada adiantam esses três elementos, chamativos da boa proposição da pesquisa, bons e corretos métodos para se obter as respostas, com conclusões profundas e contundentes, se os resultados forem apresentados de maneira que não acompanhem a clareza do texto. Os resultados devem ser mínimos, mas mostrar a essência da ideia científica.

Finalmente, se mesmo após todos esses cuidados, tratar-se apenas de um manuscrito descrevendo fatos evidentemente óbvios, a pesquisa não será inovadora ou inédita, perdendo grande parte do interesse dos editores em publicá-la. Esta é a grande busca de qualidade dos editores de periódicos científicos: publicar ideias novas. Ideias já consolidadas, portanto fenômenos científicos já comprovados, não são novas só porque não foram ainda estudados em certa espécie, ou em uma variação de um campo de estudo. Atingida esta fase, a imaginação poderia justificar-se mais do que o próprio conhecimento, como citado por Albert Einstein.

Se a abstrata ideia de qualidade for mantida até aqui, o próximo quesito analisado pelos editores é a forma de apresentação. Esta forma vai desde o título do trabalho até a maneira como um resultado possivelmente inovador é apresentado. Neste ponto, a “venda” e o marketing do manuscrito merecem atenção antes da submissão. Atendidos os aspectos chamativos do manuscrito, a língua deve estar impecável. E quão pecável encontram-se manuscritos submetidos que são negativamente avaliados apenas pela falta de uma releitura do trabalho. Deslizes crassos, que não mereceriam ser observados

pelos editores são frequentemente notados, o que certamente aumenta a lista dos motivos do arquivamento. A linguagem e a mensagem transmitida é a “embalagem” do manuscrito e esta não pode estar “violada”. Além disso, também se faz importante atender o formato científico empregado internacionalmente, uma vez que qualquer pesquisa é internacional em sua concepção. Os autores precisam entender que a ciência é objetiva, clara, concisa, contundente e conclusiva! Não pode haver ciência de qualidade por traz de um texto mal escrito!

O que não está faltando

Infelizmente, o que mais os editores constatam em manuscritos submetidos à **Bragantia** e que, portanto, contribuem para seu arquivamento é a antítese do que está descrito no subitem anterior.

Talvez seja uma dificuldade interna maior do pesquisador da área agrônômica, sobretudo brasileiro, mas a grande maioria dos manuscritos desta área trata de pesquisas que são claramente associativas com ou sem interferência entre os fatores, mas que não apresentam hipóteses testáveis. Essa falta de concepção de hipóteses por parte dos autores invariavelmente leva a uma desorganização das ideias transmitidas no trabalho. Tal desorganização é muitas vezes clara na introdução, onde frequentemente descrevem-se fatores completamente desligados do objeto de estudo. Destacar, por exemplo, que a nutrição mineral é um importante fator de produtividade agrícola não auxilia a justificar uma pesquisa realizada com o uso de sementes com vigores contrastantes para avaliar a qualidade da produção de frutos. Este exemplo pode parecer desnecessário, mas é um caso muito representativo.

A desorganização das ideias causada pela ausência de hipótese é mais séria na discussão dos resultados. A discussão, que deveria ser a seção mais nobre de um artigo, no caso do manuscrito arquivado, acaba sendo uma lista de descrições de resultados completamente desconexos com as citações da literatura. Tais citações, quando usadas, são livros, antigas, e que descrevem em detalhes a pesquisa realizada por outros autores. Logo, o que é notável nos manuscritos arquivados é a percepção de que os autores preocupam-se em discutir TODOS os resultados de sua pesquisa e estes não são contextualizados com referências importantes (artigos publicados) e recentes. Um livro deve sim ser utilizado como referência, mas no caso de conhecimento extremamente consolidado e cuja informação que se quer destacar seja essencial para a argumentação da ideia. Da mesma maneira, são encontradas muitas teses depositadas em bibliotecas e até páginas da internet como referências. Se ainda é necessário destacar, essas referências só deveriam ser usadas para descrever que há grupos de pesquisas trabalhando na área tratada no texto (VOLPATO, 2011).

Logo, uma discussão com ideias desorganizadas (telegraficamente), separadas por variável estudada, referenciadas por informações antigas, inacessíveis e desconectadas dos resultados constantes no trabalho torna-se longa e “carimba” o argumento final do comitê editorial para arquivar um manuscrito.

Muitas vezes, ainda por conta desses hábitos distantes da ciência internacional, existem boas e inovadoras ideias em manuscritos potencialmente bons, mas muito mal discutidas e que, portanto, não são ideias conclusivas, pois receberam uma argumentação pífia, desconexa e pouco clara, sem linha de raciocínio que se prestasse a defender a ideia.

No caso do item Conclusões, o que mais se observa em manuscritos arquivados é uma listagem de resultados já descritos na discussão ou no item Resultados e Discussão. As conclusões deveriam ser vistas como o “*running title*”, que se pede em publicações internacionais. Logo, se um manuscrito demonstra que uma cultura não absorve um nutriente convencionalmente usado em determinada circunstância, a conclusão deveria ser que não se deve adubar a cultura com aquele nutriente naquela

circunstância, propondo-se outras frentes de experimentação, com outras variáveis não observadas na pesquisa para que se reforce a ideia mostrada, e não descrever repetitivamente que o nutriente não é absorvido por aquela cultura naquela circunstância.

Finalmente, os resultados representados em gráficos e tabelas devem estar em consonância com o texto. É muito comum observar em manuscritos arquivados tabelas de análise de variância e outras informações irrelevantes para a ideia central do manuscrito. Além disso, todos os detalhes de figuras e tabelas, como unidades em eixos, escalas corretas, variabilidade, teste estatístico utilizado e nível de significância e, sobretudo bom nível de autoexplicação das legendas de figuras e títulos de tabelas devem estar impecáveis.

A abstrata ideia de qualidade

Logo, diante do descrito, a qualidade de um manuscrito não é simples de ser definida e envolve três diferentes frentes (Figura 1).

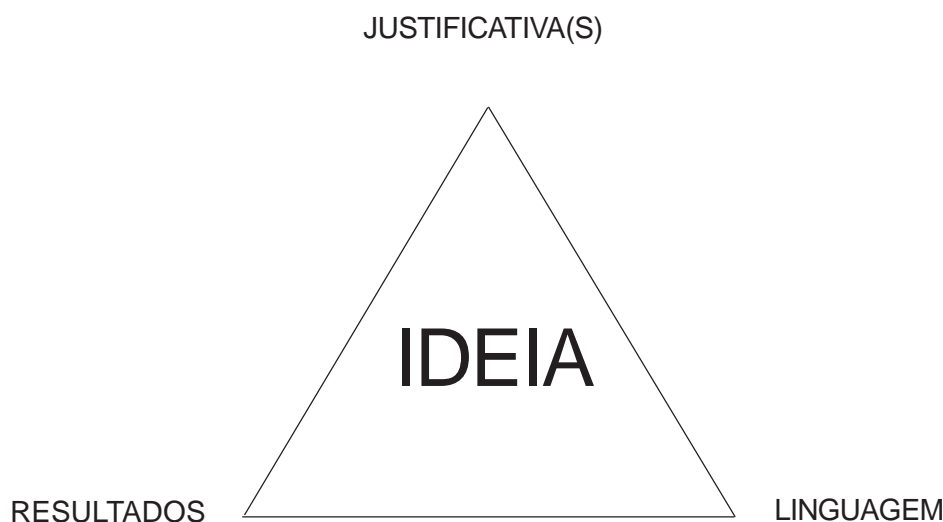


Figura 1. “Tripé” dos quesitos fundamentais da qualidade avaliada em um manuscrito: uma ideia central potencialmente inovadora, bem justificada, com resultados que a confirme e apresentada em linguagem impecável

A dificuldade fornecida pelo papel em branco, ou pela página virtual em branco do editor de texto nos dias de hoje, não deve ser superada apenas com a vontade de preenchê-lo logo, apenas para cumprir o falso sentido final da pesquisa científica. A última fase de uma pesquisa ou uma tese não é a redação do manuscrito ou mesmo a publicação do trabalho, mas a aceitação das ideias, traduzida nos dias de hoje pelos índices de citação de artigos.

Logo, nos bons periódicos, não há espaço para a redação científica ilógica. Não há espaço para ideias óbvias, mal justificadas, mal testadas, com resultados duvidosos e mal argumentados. Na ciência agrônoma, embora a busca infundável pela eficiência e produtividade seja louvável e até publicável, as ideias precisam ser inovadoras, pois estas valem muito na opinião de editores, que muitas vezes relevam aspectos negativos do manuscrito em prol do caráter inovador da ideia. Contudo, nenhum editor acredita em boa ciência por traz de um artigo mal escrito.

O que é importante na construção de um manuscrito de qualidade

Há autores (CARGILL e O'CONNOR, 2009) que destacam que o sucesso de um manuscrito, com chances reais de aceitação e publicação encontra-se em três aspectos. O primeiro deles baseia-se na estratégia utilizada pelos autores, considerando o que os editores e revisores de um periódico “querem” publicar. Neste contexto, entram as *ideias* (Figura 1). O segundo aspecto defendido por CARGILL e O'CONNOR (2009) é o convencimento da ideia, ou seja, as *justificativas* do trabalho e o porquê da pesquisa (Figura 1). Visto por um lado mais pitoresco e inocente, é possível de se dizer que o bom manuscrito deve contar uma “história” ⁽³⁾ e esta história tem que ser interessante para a comunidade científica em que se insere a proposta do artigo científico. Por fim, CARGILL e O'CONNOR (2009) defendem que a linguagem deve ser clara e efetiva para a transmissão da idéia. Na figura 1 e no texto deste capítulo, já ficou bastante claro que a embalagem do manuscrito é a linguagem e esta deve estar impecável.

É ainda imprescindível dizer que hoje, com a pressão nacional e internacional de agências de fomento à pesquisa, o número de pesquisadores que estão no sistema só tende a crescer e o número de submissões a periódicos científicos, a aumentar. Logo, os comitês editoriais de todos os bons periódicos tendem a aumentar o crivo crítico qualitativo antes de decidir pela aceitação de um manuscrito. Desta forma, neste panorama, só permanecerão publicando os bons autores. Mas quem são os bons autores?

Bons autores, na singela opinião deste editor são aqueles que escolhem as melhores palavras e constrem o melhor texto, utilizando os melhores resultados para contar a melhor história. Assim, justifico o fato de que escrever um texto em português e pagar por sua versão para o inglês não é um bom caminho. Segundo MADDOX (1994), para ser autor, são necessários três requisitos: participar do trabalho, construindo os objetivos e/ou as conclusões; concordar com as conclusões; e ser apto a defender a essência do texto, perante a comunidade científica. Esse quesito é importante comentar, porque muitos autores que assinam trabalhos científicos deveriam entrar apenas nos agradecimentos. Logo, corroborando MADDOX (1994), os bons cientistas e merecedores das autorias conhecem a ideia, sabem justificá-la e são aptos a defender os resultados.

Finalmente, gostaria de destacar que o presente capítulo é a versão escrita da palestra “*Manuscrito científico de qualidade – o que está faltando?*”, apresentada no XIX Curso de Editoração Científica sediado pelo Instituto Agrônômico (IAC), Campinas (SP), Brasil. Por isso, reitero mais uma vez que este capítulo apresenta poucas referências da literatura, apenas as essenciais, que ajudaram a manter em pé as opiniões por mim defendidas até a data da publicação desta *Série Documentos IAC*.

⁽³⁾ Mundayatan Haridasan (Universidade de Brasília – UnB) – Comunicação pessoal.

Agradecimentos

Ao Dr. Rafael Vasconcelos Ribeiro, Editor-Chefe de **Bragantia**, pelo convite para ministrar esta palestra no XIX Curso de Editoração Científica e III Seminário Satélite para Editores Plenos, da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC). G. Habermann e todos os palestrantes daquele evento aquilataram as comemorações dos 70 anos de **Bragantia**. Estendo meus agradecimentos a todos os editores de área e ao comitê editorial da Revista **Bragantia**, pela oportunidade de contribuir com este importante periódico científico das ciências agronômicas, resultando nas experiências editoriais divididas com os leitores deste capítulo.

REFERÊNCIAS

- CARGILL, M.; O'CONNOR. **Writing scientific research articles**. Oxford: Willey-Blackwell. 2009. 173p.
- KIELING, C.; HERRMAN, H.; PATEL, V.; MARI, J.D. Indexation of psychiatric journals from low- and middle-income countries: a survey and a case study. **World Psychiatry**, v.8, p.40-44, 2009.
- MADDOX, J. The benefits of weakening the link between publication and personal success would be immense, and the place to start is with the widespread practice of spurious. **Nature**, v.369, p.353-353, 1994.
- MENEZHINI, R. Avaliação da produção científica e o projeto SciELO. **Ciência da Informação**, v. 27, p. 219-220, 1998.
- TANCREDI, L. Cresce a produção científica no Brasil. **Caderno Destaques do Portal MEC**. Brasília: Ministério da educação e Cultura, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10838> Acesso em 12 de maio de 2011.
- VOLPATO, G. L. **Método lógico para a redação científica**. 1.^a Ed. Botucatu: Best Writing, 2011. 320p.

RESUMO

Este texto tem como finalidade apresentar a situação atual da revista *Bragantia* no cenário editorial, comentando os principais avanços nos últimos anos. Dentre os principais pontos, podemos citar o aniversário de 70 anos da publicação e a recente indexação no ISI Web of Knowledge. A qualidade do processo editorial tratada com profissionalismo também marcou 2011, aspecto essencial para o desenvolvimento de *Bragantia*, brasileira por natureza, mas internacional por importância. Dados sobre o desempenho do periódico e sobre a submissão de manuscritos são apresentados, assim como as necessidades e os ajustes necessários para a melhoria constante da divulgação científica.

Apresentação

Bragantia (ISSN 0006-8705 / Versão eletrônica ISSN 1678-4499) é um periódico científico editado pelo Instituto Agrônômico (IAC), criado em 1941, com a missão de publicar textos originais que contribuam para o desenvolvimento das ciências agrárias. *Bragantia* é um dos mais tradicionais e respeitados periódicos brasileiros na área de Ciências Agrárias, contribuindo há 70 anos com o avanço do conhecimento científico e com o desenvolvimento da agricultura brasileira.

Desde 1953, a publicação ininterrupta de textos científicos rendeu mais de 2800 trabalhos relacionados a botânica, genética e melhoramento de plantas, fitotecnia, fitossanidade, fertilidade dos solos e nutrição de plantas, sistemas de cultivo, tecnologia pós-colheita de grãos e fibras e agrometeorologia. Nos últimos 10 anos, houve aumento significativo na quantidade de textos publicados, chegando a 140 artigos em 2010 (Figura 1).

Concomitante ao aumento de textos publicados, houve também aumento sensível no fator de impacto de *Bragantia* (Figura 1). Comparando o fator de impacto do periódico em 2000 e 2011, pode-se constatar aumento de aproximadamente 25 vezes (0,016 vs. 0,394). Embora este índice possa melhorar, vale destacar que o fator de impacto se elevou mesmo com o aumento de textos publicados (denominador na fórmula de cálculo do índice), o que indica a crescente qualidade dos trabalhos publicados em *Bragantia*.

Na base Scopus (Elsevier) onde o Brasil tem 50 periódicos na área de *Agricultural and Biological Sciences*, *Bragantia* ocupa a **9.ª posição** brasileira quando considerado o índice H (12). Em 2011, os periódicos brasileiros que mais citaram os textos publicados em *Bragantia* foram os seguintes: Revista Brasileira de Fruticultura, Pesquisa Agropecuária Brasileira, Ciência Rural, Revista Ciência Agrônômica, Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental e Revista Brasileira de Ciência do Solo, todos indexados no ISI Web of Science.

(1) Resumo da apresentação realizada durante o XIX Curso de Editoração Científica da ABEC em Campinas, 2011.

(2) Editor-chefe / *Bragantia*. E-mail: editor@iac.sp.gov.br

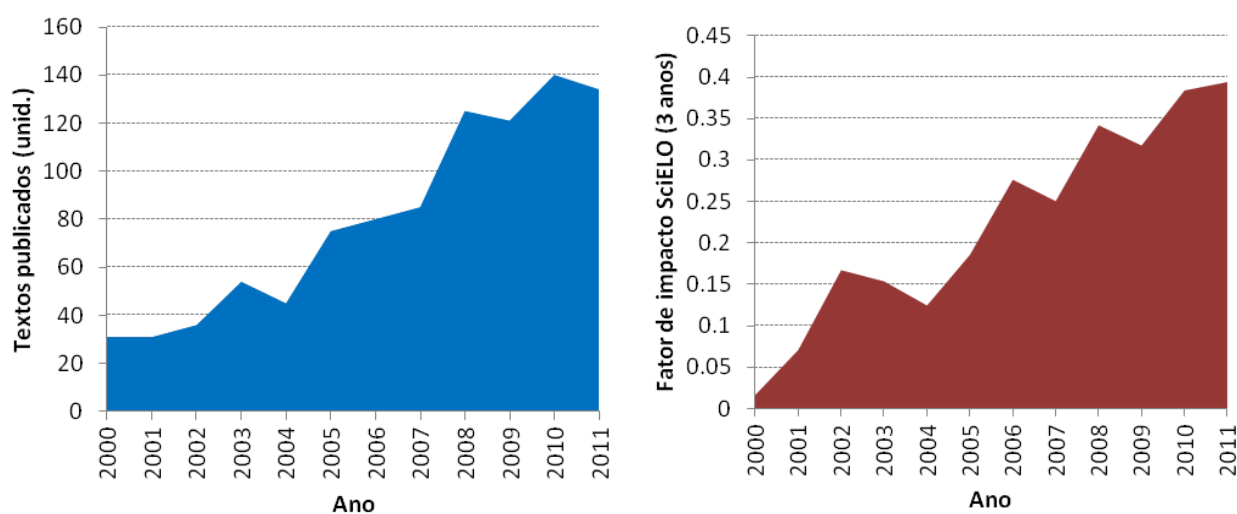


Figura 1. Variação temporal na quantidade de textos publicados e do fator de impacto (3 anos) de Bragantia na base SciELO. Fonte: SciELO (2012).

Bragantia passou por diversas modificações ao longo de sua história. A partir de 1992, passou a publicar trabalhos de autores de outras instituições nacionais e do exterior e, a contar com editores-associados filiados aos principais centros de ensino e pesquisa do Brasil e com reconhecida competência na área de atuação. Em 2011, apenas seis editores de Bragantia pertenciam ao quadro de pesquisadores do Instituto Agrônomo (Figura 2), o que representa 30% do Comitê Editorial. Além de São Paulo, há editores de instituições do Paraná, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. A descrição detalhada do Comitê Editorial de Bragantia (nomes e afiliações) pode ser verificada na parte pré-textual de cada fascículo publicado, assim como no portal do periódico na SciELO.

O crescente interesse em Bragantia (Figura 3) como veículo de divulgação de pesquisa original é em parte consequência da indexação em importantes bases de dados, tais como Bibliography of Agriculture (Agricola), Biological Abstracts (Biosis), SciELO, Scopus, Redalyc e ISI Web of Science. Atualmente, Bragantia é classificada com Qualis B2 em Ciências Agrárias.

Aumento expressivo de acesso aos textos de Bragantia foi observado na última década, passando de pouco mais de 1,5 acessos/hora em 2000 para 75 acessos/hora em 2010 (Figura 3). Esses dados representam um aumento de 50 vezes na divulgação dos trabalhos publicados e sugerem a importância de Bragantia como uma das opções majoritárias para divulgação original de pesquisa na área de Ciências Agrárias.

Bragantia iniciou o gerenciamento eletrônico das submissões exclusivamente pelo sistema Submission da SciELO (<http://submission.scielo.br>) em 2009. Esse sistema permitiu maior agilidade na avaliação das submissões e economia de recursos com o envio de correspondências.

Editores (atual)

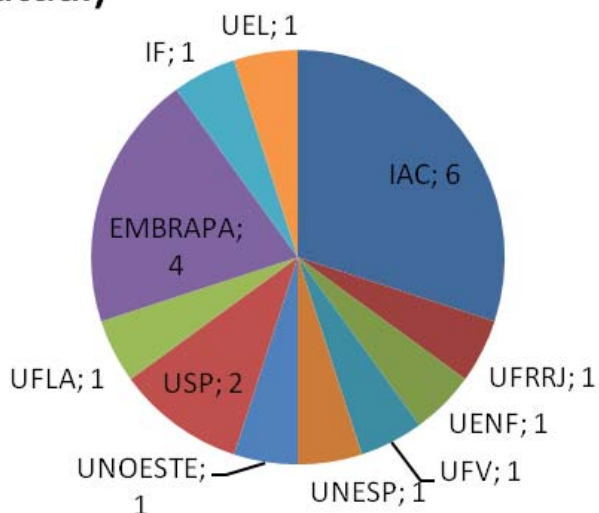


Figura 2. Instituições de origem e quantidade de membros do Comitê Editorial de Bragantia (2011).

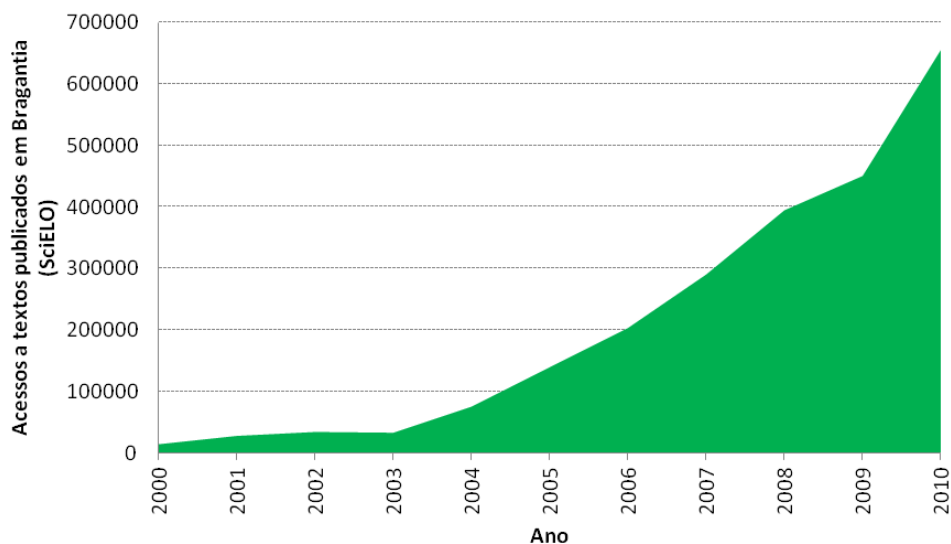


Figura 3. Variação temporal de acessos aos textos de Bragantia no portal da SciELO. Fonte: SciELO (2011).

Política Editorial

Com periodicidade trimestral a partir de 2005 (um volume por ano e quatro fascículos por volume, publicados em março, junho, setembro e dezembro), *Bragantia* publica notas, artigos e revisões (a convite) nas áreas de Ciências Básicas (Botânica, Citogenética, Fisiologia Vegetal, Biotecnologia, Biologia Molecular e Fitoquímica), Melhoramento Genético Vegetal, Fitotecnia, Fitossanidade, Solos e Nutrição de Plantas, Tecnologia de Sementes e Fibras, Tecnologia Pós-colheita, Irrigação, Engenharia Agrícola, Agrometeorologia e Metodologia e Técnicas Experimentais.

Bragantia adota a política de acesso livre (Open Access) aos textos publicados, que podem ser acessados em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0006-8705&lng=en&nrm=iso.

O portal de *Bragantia* na SciELO é frequentemente atualizado e quaisquer dúvidas ou questões referentes às submissões são dirimidas pela nossa secretaria ou pela editora de meio-eletrônico.

Os trabalhos enviados para publicação em *Bragantia* devem ser inéditos e não podem ser submetidos simultaneamente à publicação em outro periódico, sendo o conteúdo dos manuscritos de responsabilidade exclusiva de seu(s) autor(es). Cópias de artigos da versão impressa são autorizadas desde que haja a citação da referência bibliográfica completa, com crédito a *Bragantia* e aos autores do trabalho consultado. *Bragantia* não adota datas-limite para submissões, exceção para fascículos especiais.

A sistemática atual de análise dos textos é descrita sucintamente a seguir. Após o registro eletrônico da submissão, o autor recebe automaticamente uma mensagem com o número do processo e o agradecimento pelo envio do texto. O Comitê Editorial avalia a qualidade do texto e a formatação inicial. Os trabalhos que não seguem as instruções aos autores ou não apresentam o padrão de qualidade exigido por *Bragantia* são prontamente arquivados e devolvidos aos autores com o respectivo parecer. Estando o trabalho apto para submissão, o editor-associado (especialista na área temática do trabalho) indica pelo menos dois revisores *ad-hoc* para avaliar o trabalho. Os pareceres externos são analisados pelo editor-associado e uma síntese com a recomendação é encaminhada ao editor-chefe para emissão do parecer final. Após a revisão do texto pelos autores, o trabalho é revisto pelo editor-associado e confrontado com a versão original apresentada.

Os pareceres sobre os trabalhos levam em conta a originalidade, o ineditismo e o mérito científico do texto, conforme descrito nas instruções aos autores. Trabalhos originais que necessitem de extensa revisão são recusados e os autores convidados a resubmeter nova versão após sua revisão. Após o aceite do texto para publicação, este passa por revisão de vernáculo e segue para a editoração. A partir do volume 69, número 3 (2010), *Bragantia* passou a ser diagramada e publicada pela Zeppelini Editorial (São Paulo, Brasil). Com essa parceria, os textos são encaminhados para diagramação assim que concluída a revisão vernacular, acelerando a divulgação do artigo aceito (*ahead of print*).

A prova tipográfica do texto é revisada pelos autores e pelo Comitê Editorial, estando apta para publicação após as devidas correções. Na ocasião da publicação, as datas de recebimento e aceite do trabalho são apresentadas na versão impressa e o autor tem acesso ao arquivo eletrônico (pdf file) do trabalho.

Dados recentes sobre o periódico

Como consequência da sua abrangência nacional, *Bragantia* publica textos oriundos de instituições de vários Estados da federação, localizados nas cinco regiões do país (Figura 4).

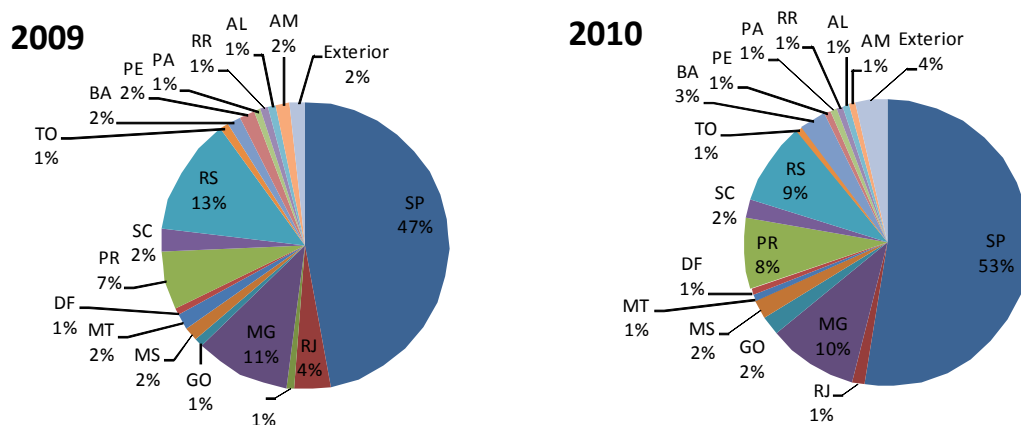


Figura 4. Distribuição dos textos publicados em 2009 e 2010 em relação ao Estado de origem do autor correspondente. Fonte: Bragantia (2011).

Seguindo a tendência brasileira e o mesmo padrão dos anos anteriores, a maior parte das contribuições vem dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e Paraná (Figura 4). Todavia, há textos oriundos de Roraima (Norte), Alagoas (Nordeste), do Mato Grosso do Sul (Centro-Oeste) e também do exterior (ex.: Colômbia e Espanha). Estes dados também comprovam a abrangência e a importância nacional do periódico, com todas as macrorregiões brasileiras sendo representadas nos volumes 69 e 70 publicados em 2009 e 2010 (Figura 4). De forma geral, o padrão de distribuição dos textos não tem muita variação, com a maior parte das contribuições (87%) vindo das regiões Sudeste e Sul do país.

Os textos de autores estrangeiros ainda são relativamente incipientes, chegando a 4% das contribuições em 2010. Já em 2011, a língua estrangeira (Inglês e Espanhol) representou 30% dos textos publicados no fascículo n.º 4 do volume 70. Embora este índice tenha aumentado sensivelmente no último ano, ações mais direcionadas ao aumento da inserção internacional de Bragantia serão tomadas em 2012.

Em relação ao tipo de texto publicado, mais de 80% dos trabalhos publicados entre 2009 e 2011 foram oriundos de pesquisas originais divulgadas na forma de artigos científicos. Bragantia limita a quantidade de textos publicados na forma de notas científicas e revisões, não ultrapassando 20% do total de trabalhos. As contribuições com autoria de pesquisadores do Instituto Agrônomo (IAC) tem sido inferior a 20%, confirmando que a endogenia não ocorre em Bragantia.

Com o sistema de gerenciamento eletrônico (Submission), houve significativo aumento na quantidade de submissões entre 2008 e 2011 (Figura 5). Considerando esse período, houve aumento de 1,7 vezes na quantidade de textos submetidos, passando de 0,79 submissão/dia em 2008 para 1,8 submissão/dia em 2011. Em 2009, Bragantia recebeu mais de 390 submissões, ao passo que em 2011 foram submetidos 514 textos. Esses dados também refletem a demanda crescente dos autores e a importância de Bragantia como meio de divulgação de pesquisa original. Torna-se importante mencionar que a quantidade de artigos publicados foi mantida ao redor de 130 ao ano, aumentando-se o rigor quanto à avaliação técnico-científica dos textos. O aumento da quantidade de submissões e do rigor quanto à avaliação foram acompanhados pela redução significativa no tempo de avaliação dos textos submetidos (Figura 5).

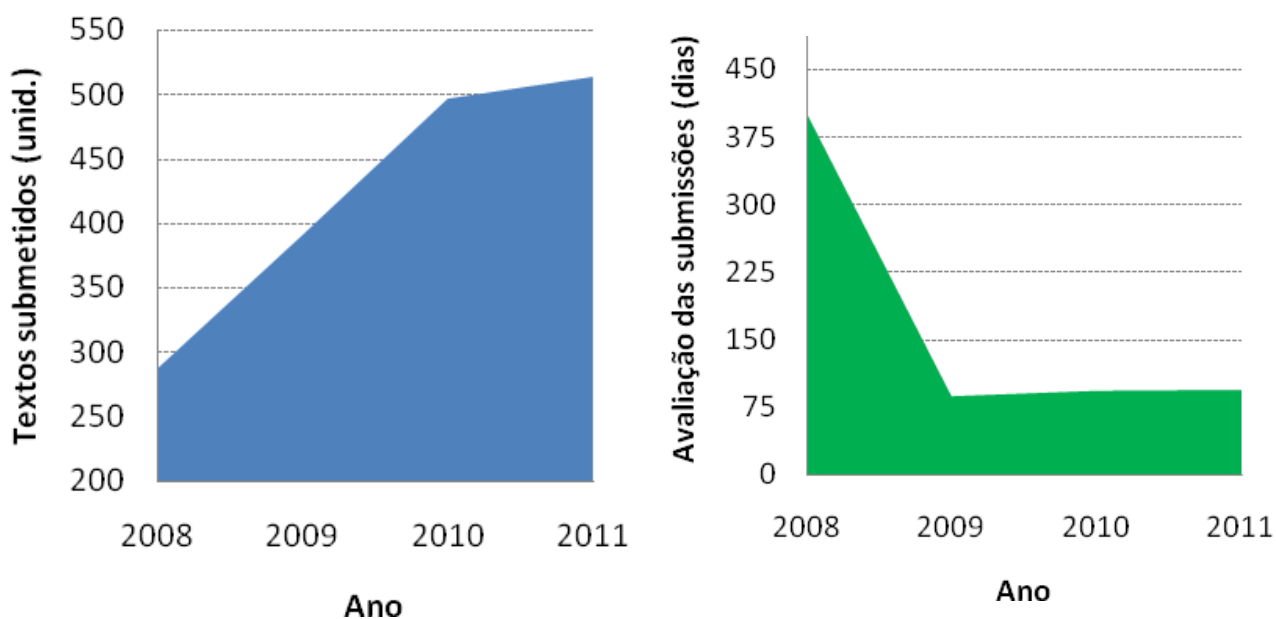


Figura 5. Variação temporal da quantidade de submissões e do tempo de avaliação das submissões (data de submissão/data da decisão final) entre 2008 e 2011. Fonte: Bragantia (2012).

Devido à dedicação do Comitê Editorial de Bragantia e com o auxílio do sistema de gerenciamento eletrônico das submissões, houve redução significativa no tempo de avaliação dos textos, estando ao redor de 90 dias e compatível com o observado em periódicos internacionais de qualidade reconhecida.

Indexadores

Na plataforma da SciELO, Bragantia está disponível há 12 anos (com 206 fascículos disponíveis para consulta) e incluída no Programa TEAAL – Cornell University Rockefeller Foundation. Desde 2006, foi indexada pela International Society for Pest Information (ISPI) e convidada em 2007 para indexação na coleção Redalyc (Red de Revistas Científicas de América Latina, El Caribe, España y Portugal). Em 2011, Bragantia foi indexada no ISI Web of Science (Tabela 1).

Principais avanços em 2010

- Indexação no ISI Thomson Reuters: a indexação de Bragantia ocorreu em 2011.
- Aumento da divulgação internacional de Bragantia: possível pela indexação de Bragantia no ISI e evidenciado pelo aumento em duas vezes na participação de autores estrangeiros no volume 70.
- Redução do tempo médio para publicação dos trabalhos: o tempo médio de avaliação dos manuscritos foi substancialmente reduzido, assim como o tempo para publicação (ao redor de oito meses em 2011).

Tabela 1. Bases de dados em que Bragantia está indexada

	Bases	Abrangência
1	Qualis/Capes – Periódicos http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp	Nacional
2	Scientific Electronic Library Online – SciELO http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0006-8705&lng=en&nrm=iso	Internacional
3	TEEAL - Rockefeller Foundation http://www.teeal.org/journals.php	Internacional
4	International Society for Pest Information – ISPI http://www.pestinfo.org/journ2.htm	Internacional
5	Bibliografia Brasileira de Agricultura http://www.agricultura.gov.br/portal/page?_pageid=33,959067&_dad=portal&_schema=PORTAL	Nacional
6	CAB Abstracts http://www.cabi.org/default.aspx?page=1016&site=170&pid=125&xsltab=2&newtitlesonly=0&letter=B	Internacional
7	Abstracts on Tropical Agriculture http://www.worldcat.org/search?qt=worldcat_org_art&q=&fq=dt%3Aart&source=bragantia	Internacional
8	AGRICOLA - Bibliography of Agriculture http://agricola.nal.usda.gov/	Internacional
9	Biological Abstracts (BIOSIS) http://www.biosis.org/	Internacional
10	Plant Breeding Abstracts http://www.cabi.org/default.aspx?page=1016&site=170&pid=2184&xsltab=2&newtitlesonly=0&letter=B	Internacional
11	Herbage (Grassland and Forage) Abstracts http://www.cabi.org/default.aspx?page=1016&site=170&pid=39&xsltab=2&newtitlesonly=0&letter=B	Internacional
12	Field Crop Abstracts http://www.cabi.org/Default.aspx?page=1016&site=170&pid=36&xsltab=2&newtitlesonly=0&letter=B	Internacional
13	Latindex http://www.latindex.unam.mx/buscador/ficRev.html?opcion=1&folio=364	Internacional
14	Red de Revistas Científicas de América Latina, El Caribe, España y Portugal – Redalyc http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/HomRevRed.jsp?iCveEntRev=908	Internacional
15	Scopus (Elsevier) http://info.scopus.com/detail/what/	Internacional
16	ISI Web of Science (Thomson Reuters) http://science.thomsonreuters.com/mjl/	Internacional

Metas para o futuro

- Aumentar a inserção internacional de Bragantia: o Comitê Editorial fará esforços para aumentar a proporção de textos publicados em língua Inglesa. Esperamos que esse índice seja alcançado com o auxílio dos autores (cerca de 20% dos textos publicados no vol. 70, n.4, 2011 estão disponibilizados em língua Inglesa) e também com a maior divulgação internacional de Bragantia após sua indexação no ISI.
- Redução do tempo médio para publicação dos trabalhos: embora o tempo médio de avaliação das submissões seja satisfatório (ao redor de 90 dias), os trabalhos aceitos aguardam um período considerável para publicação. A divulgação antecipada dos trabalhos aceitos no esquema de *ahead of print*, processo iniciado em 2011, proporciona maior rapidez à divulgação da informação. Algo razoável seria a publicação impressa dos artigos aprovados em um prazo máximo de seis meses após a submissão dos manuscritos.

Considerações finais

A dedicação de todos os editores (chefes ou associados) e dos demais membros do Comitê Editorial foi essencial para a conclusão desse texto, que cita alguns momentos mais recentes. Na ocasião, temos que valorizar o árduo trabalho na divulgação científica que moldou Bragantia ao longo das sete décadas de existência. Sem dúvida, todos os envolvidos deixaram importantes contribuições para a consolidação de Bragantia como um dos principais periódicos nacionais. Essa condição foi uma consequência do direcionamento dado à revista, que sempre enfatizou a busca da qualidade e teve como regra básica o constante aprimoramento do processo editorial, visando ao sucesso na divulgação da ciência agrônômica.

Bragantia: breve histórico do Comitê Editorial (1)

Maria Angela Manzi da SILVA (2)

A Comissão Editorial de Bragantia foi criada em 6 de fevereiro de 1981, pela Portaria DG-2, e suas atividades foram regulamentadas por meio da Portaria DG-7, de 8 de novembro de 1984, e pela Portaria DG-5, de 28 de fevereiro de 1989. Em 1992, com a abertura da revista Bragantia à comunidade científica externa ao IAC, a diretora do Serviço de Divulgação Técnico-Científica, Angela Maria Cangiani Furlani, criou a secretaria da Comissão Editorial do IAC, para organizar o expediente e o fluxo dos artigos recebidos.

Em 27 de março de 2000, por meio da Portaria CPA-48 e, posteriormente, pela Portaria APTA-1, de 12 de maio de 2000, foi regulamentada a constituição dos Comitês Editoriais das Revistas Científicas dos Institutos de Pesquisa.

A Dr.^a Angela foi a primeira Editora-chefe nomeada da Instituição, e sua persistência e determinação foram fatores relevantes para tornar nossas publicações mais objetivas e atraentes ao usuário da pesquisa, e modelo para outras instituições. Sob seu comando, o Comitê Editorial do Instituto Agrônômico sempre recebeu elogios pelo desempenho de suas atribuições.

Após a saída do Dr. Celso Valdevino Pommer, que permaneceu por breve período à frente do comitê editorial, em 2003, assumiu como Editor-chefe o Dr. Oliveira Guerreiro Filho. Sempre admiramos seu desempenho como editor, pois além de sua preocupação com a excelência dos trabalhos de Bragantia, a periodicidade, a divulgação da revista, valorizava nosso trabalho, o trabalho das “formiguinhas”. Sim, porque todos nós do Núcleo de Editoração Técnico-Científica contribuimos com uma pequena parcela de seu talento para o sucesso de Bragantia.

E, juntamente em toda essa engrenagem da editoração, não podemos nos esquecer da Professora Lígia Abramides Testa, exímia revisora de vernáculo da revista Bragantia. Lígia se destacou, não somente pelo grande conhecimento da língua portuguesa, mas também pela inteligência e sabedoria, pelo desejo de fazer sempre o melhor, pelo seu comportamento irreverente e muito extrovertido. Por mais de 40 anos foi revisora da revista Bragantia, elevando o nome do Instituto Agrônômico a patamares elevados em sua área de atuação.

Atualmente, o editor-chefe de Bragantia é o Dr. Rafael Vasconcelos Ribeiro. O Dr. Rafael é audacioso e idealista. Admiramos seu entusiasmo e a perseverança para tornar nosso periódico cada vez mais atual e importante. Hoje, Bragantia está indexada nas principais bases de dados do mundo, e totalmente *on-line*, desde a submissão até os acessos via o portal Scielo.

Este é um momento especial! É hora de olhar para trás e ver tudo o que foi feito nesse período. Sem dúvida, houve bons momentos, de muitas conquistas, alegria e cumplicidade. Bragantia está aí, aos 70 anos, moderna, dinâmica, constituindo-se em um dos mais importantes veículos de divulgação da ciência agrônômica do País. Nós nos orgulhamos de fazer parte desta grande e bela história.

(1) Resumo da apresentação realizada durante o XIX Curso de Editoração Científica da ABEC em Campinas, 2011.

(2) Secretária do Comitê Editorial do Instituto Agrônômico

Processo de revisão pelos pares ⁽¹⁾

Ivone JOB⁽²⁾
Ana Maria MATTOS⁽³⁾
Alexandre TRINDADE⁽⁴⁾

Resumo

O processo, denominado sistema de arbitragem, de avaliação de originais, de avaliação pelos pares, *referee system* ou *peer review*, consiste no uso de árbitros para assessorar a avaliação dos manuscritos submetidos para publicação. Quando submetido a um processo de análise, as possibilidades de publicação do manuscrito são três: aprovado; aceito, sujeito a correções ou rejeitado, e pode ter um caráter pedagógico ou punitivo. Este estudo analisa 191 pareceres referentes a manuscritos enviados a um periódico no período, de 1997 até 2007, com a finalidade de conhecer os motivos que levaram os avaliadores à sua rejeição para publicação.

Introdução

No ambiente científico, a notoriedade de um pesquisador está relacionada à sua produção científica. Ele é avaliado pelos artigos publicados, projetos desenvolvidos, trabalhos apresentados em congressos, pelas participações em grupos de pesquisa e demais atividades que tornem sua investigação conhecida. Entretanto, a maior visibilidade às pesquisas é dada pelos artigos publicados em periódicos de reconhecimento nacional e internacional, que são classificados segundo determinados critérios, em uma lista das publicações mais significativas nas diversas áreas de conhecimento. É importante para o pesquisador conseguir que sua produção seja publicada em periódico de alto impacto, para que seja, de fato, divulgada. Esses periódicos procuram manter um reconhecido padrão de qualidade científica e, para tanto, utilizam o sistema denominado *peer review*, (ZIMAN, 1981).

A seguir, são descritos os passos do processo de avaliação e autorregulação realizada por especialistas qualificados dentro de um campo de conhecimento (Figura 1). É utilizado para manter os padrões, melhorar o desempenho, dar credibilidade e determinar a adequação dos trabalhos acadêmicos para publicação. São três os possíveis resultados desta avaliação por pares: aceito, aceito com modificações ou rejeitado.

(1) Resumo da apresentação realizada durante o XIX Curso de Editoração Científica da ABEC em Campinas, 2011. Texto publicado no periódico: **Movimento**, v.15, n.3, set./dez. 2009.

(2) Bibliotecária da Escola de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: ivonejob@yahoo.com.br

(3) Bibliotecária da Escola de Administração da UFRGS. Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: ammattos@ea.ufrgs.br

(4) Bibliotecário da Faculdade Luterana São Marcos. Alvorada, RS, Brasil. E-mail: trindade.alexandre@gmail.com

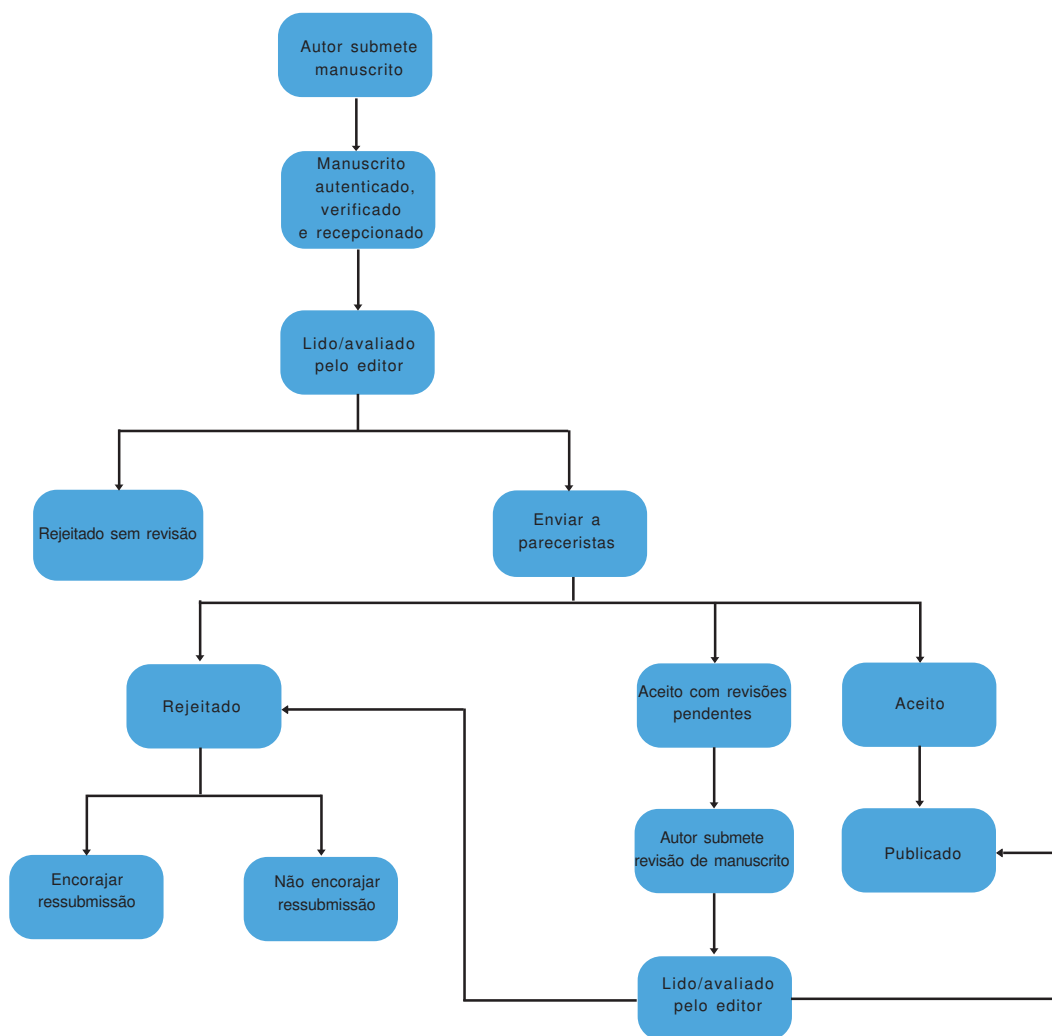


Figura 1. Processo de *peer review*. Adaptado de HAMES (2007).

A elaboração bem criteriosa do parecer de um manuscrito realizada pelos pares é importante fonte de aprendizado para os autores, uma vez que escrever requer técnica, experiência, maturidade, constantes idas e vindas a fim de rever escritos, verificar erros e corrigir falhas. Acredita-se que a linguagem científica leva algum tempo para ser aprendida, não podendo ser parafraseada, com vistas a uma compreensão mais fácil. Há um aprendizado, no decorrer da vida do pesquisador, para entender, falar e escrever nesta linguagem.

O objeto deste trabalho foram os pareceres emitidos pelos avaliadores da revista ***Movimento***, publicado pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, desde 1994. A revista é especializada em Educação Física e apresenta a interface com os aspectos filosóficos, sociológicos e humanos, periodicidade quadrimestral regular e seus editores possibilitaram a análise dos pareceres, razão pela qual foi o veículo escolhido para investigar o assunto. Analisaram-se, nessa pesquisa, 191 pareceres emitidos em um período de 10 anos, de 1997 a 2007, por 57 avaliadores, na fase anterior à editoração eletrônica do periódico, que ocorreu no fim de 2007. Desses avaliadores, 72% são externos à instituição UFRGS e alguns permanecem do início até hoje assessorando a revista.

Fundamentação teórica

O sistema de revisão pelos pares consiste em uma avaliação crítica elaborada por especialistas que não fazem parte da equipe editorial, analisando os manuscritos submetidos aos periódicos. Eles são os responsáveis por opinar e relatar suas observações sobre o manuscrito e, dessa forma, auxiliar na decisão dos editores a respeito da sua publicação ou não (STUMPF, 2005).

O trabalho do autor começa bem antes: ao pensar em redigir um manuscrito, provavelmente, sua primeira providência será procurar conhecer as instruções aos autores, normas de submissão para publicação, escopo e abrangência do conteúdo de vários periódicos e escolher aquele que mais representa a sua área de interesse. “Se o principal objetivo de publicar é dar a conhecer os avanços científicos a outros pesquisadores da mesma área de interesse, nada melhor do que saber onde esses pares publicam trabalhos” (CASTRO, 2006). Analisando bem o escopo, o autor não corre o risco de ter seu manuscrito rejeitado por um motivo anterior à análise por mérito de seu texto.

Alguns outros fatores devem ser considerados pelo autor. SERRA et al. (2008) destacam que se deve tomar cuidado para que o artigo contenha os elementos essenciais necessários que o levem a uma avaliação e não à rejeição. É importante receber as críticas e, a partir delas, qualificar o trabalho produzido. Deve-se verificar a existência da avaliação por mérito, o *peer review*. Publicar em periódicos acadêmicos reputados tornou-se mais difícil: o prazo entre recebimento, avaliação e publicação alarga-se e as taxas de rejeição em muitos periódicos são superiores a 90% dos artigos recebidos. Contudo, para MEADOWS (1999), a recusa de artigos é comum e necessária, pois o mesmo artigo se recusado pode ser submetido a diferentes periódicos, ocorrendo assim um processo de depuração e aprimoramento. Esta ideia vem enfatizar a necessidade de se analisar o sistema *peer review* em todos os seus aspectos.

Na perspectiva do editor, há de se reconhecer que, sem dúvidas, a tarefa de editar periódicos científicos é um trabalho complexo que envolve aspectos técnicos, éticos e financeiros. Para HAMES (2007) “[...] os editores são responsáveis por assegurar a qualidade dos seus periódicos e por garantir que aquilo que é publicado é ético, preciso e relevante para os seus leitores”. Os aspectos éticos, em especial, têm preocupado vários segmentos da comunidade científica:

“Editores de revistas científicas precisam estar atentos aos mecanismos de disseminação de condutas inadequadas no processo de publicação. [...] Fabricação, falsificação, duplicação, autoria-fantasma, autoria concedida, falta de ética na aprovação de manuscritos, não-divulgação desses fatos, publicação ‘*salamí*’, conflitos de interesse, autocitação, submissão e publicação duplicadas, e plágio são problemas comuns. A conduta editorial inadequada inclui: falha em seguir o processo devido, atraso nas decisões e comunicação com os autores, falhas na revisão, e confundir o conteúdo de um periódico com seu potencial promocional e de propaganda. [...] Os editores estão em posição privilegiada para promover práticas adequadas, adotando orientações éticas e claras sobre os procedimentos.” (GOLLOGLY e MOMEN, 2006).

Cruz (2006) destaca duas grandes responsabilidades de um periódico científico quanto à revisão por pares:

“Selecionar profissionais com *expertise* na área, explicitar a política editorial para o revisor (cortesia para com o autor, pontualidade quanto ao parecer, aprimoramento do manuscrito, sigilo, etc.). [...] Orientar quanto ao tipo de análise que interessa ao periódico (a relevância do problema/pergunta da pesquisa, a contribuição única da pesquisa, a validade da pesquisa, os aspectos éticos da pesquisa, a apresentação dos resultados, a qualidade da discussão dos resultados, a coerência das conclusões e sugestões, assim como suas impressões sobre o manuscrito em relação ao plágio, publicação repetida, etc.)”.

Alguns pesquisadores são favoráveis ao processo de avaliação exatamente porque possibilita descobrir essas fraudes, ou, ao menos, os erros podem ser descobertos durante a avaliação (KNOBEL, 2003).

BORNMANN et al. (2008) realizaram uma análise do conteúdo de 46 estudos sobre os critérios para a avaliação de manuscritos e seus motivos para aceitá-los ou rejeitá-los. O objetivo principal foi o de verificar se os árbitros levam em consideração as questões éticas e se detectam o plágio nos manuscritos. Verificaram que, do total de 572 critérios e fundamentos, divididos em nove áreas principais, nenhum se refere, ou está relacionado, a possíveis falsificações ou à fabricação de dados. Em uma segunda etapa, o estudo pediu aos editores e pareceristas avaliarem como alto ou baixo o significado de cada aspecto por eles analisado. Os critérios ético e plágio ainda foram os mais cotados.

Procedimentos metodológicos

Neste trabalho, utilizou-se o método da análise de conteúdo na leitura dos pareceres e para a verificação dos motivos que levam um manuscrito a ser rejeitado no processo de avaliação realizada pelos pareceristas do periódico **Movimento**. O universo do estudo foi composto por 191 pareceres emitidos pelos avaliadores do periódico, no período de 1997 a 2007. É necessário esclarecer que houve duas fases na publicação do periódico. A primeira, de 1994 a 2001, em que seu escopo abrangia todas as áreas da educação física, aceitando artigos de aspecto generalista. E a segunda, a partir do v.8, n.3, 2002, em que se especializou na educação física e sua interface com as ciências humanas e sociais.

Os primeiros pareceres (1997-1999) eram redigidos na forma de ofício ao editor. A partir de 2000, foi criado um formulário com campos específicos: título, classificação do manuscrito (artigo original de pesquisa, trabalho de revisão, ensaio, resenha); um espaço para livre redação do parecer e ao final a recomendação do parecerista.

Procederam-se às seguintes fases: leitura atenta de cada parecer; descrição de todos os motivos apontados mantendo-se a terminologia original do avaliador; processamento dos dados; análise e interpretação dos resultados. O primeiro levantamento gerou uma lista com elevada quantidade de argumentos repetitivos. As variáveis não foram definidas *a priori*. À medida que os pareceres eram lidos, descreviam-se os motivos. Seguiu-se, então, a fase da consistência desta terminologia, fazendo com que definissem as seguintes categorias de argumentos: éticos, objetos ou instrumentos de estudo, originalidade, redação, normalização, aprofundamento teórico e metodologia científica. Os instrumentos de coleta e tabulação dos dados foram tabelas e planilha eletrônica.

Resultados

A maioria dos avaliadores dos 191 pareceres apresentou várias razões em cada parecer, somando 1.030 razões que foram reunidas em 77 e distribuídas em sete categorias principais inspiradas no trabalho de BORNMANN (2008), conforme figura 2. As razões que obtiveram grande frequência de rejeição foram: em primeiro lugar as relacionadas aos problemas metodológicos (51%), seguidos da falta de aprofundamento teórico (19%), problemas de normalização (12%), problemas de redação (10%), falta de originalidade (3%), escassos instrumentos de estudo (232%) e problemas éticos (2%).

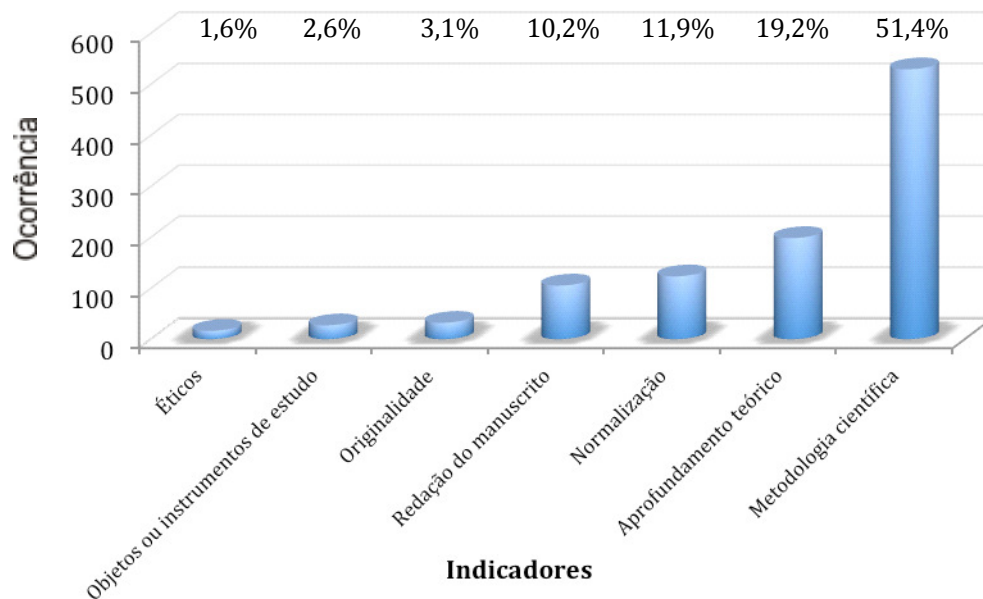


Figura 2. As sete categorias obtidas pela análise de conteúdo de 191 pareceres.

1) Éticos

Nesta categoria foram consideradas as relacionadas às questões de pesquisa que apontassem no sentido de conduta inadequada do autor, na detecção de falsificação, no uso exagerado de autocitação ou em problemas de não indicação de autorização para pesquisa. O motivo mais apontado foi: “texto de caráter ideologizado”, em quatro manuscritos.

A questão ética foi registrada 16 vezes, um valor que expressa as poucas vezes em que algum problema desta natureza chamou a atenção dos avaliadores. Apesar de numericamente baixo, não indica como pouco importante o que foi apontado. Qualquer um dos motivos seria suficiente para rejeitar um texto científico: (a) Texto de caráter ideologizado; (b) O autor emite opiniões, sentimentos desnecessários em artigo científico; (c) Autor deveria ter tido uma distância crítica para analisar a obra; (d) A pesquisa não é objetiva e isenta; (e) Texto panfletário e agressivo; (f) Não há informação sobre termo de consentimento informado e aprovação pelo comitê de ética; (g) Falta ética ao nomear o sujeito de estudo à sua patologia (“crianças *down*”); (h) Autor assume postura sectária e perversa como a que tanto critica no texto; e (i) As referências utilizadas parecem ser de caráter ideológico e opinativo.

As questões que preocupam o avaliador parecem apontar mais no sentido de observação direta do texto, se há coerência no discurso e no caráter científico e não revelando preocupação quanto à falsidade da pesquisa. Percebe-se que, apesar de pesquisadores, como KNOBEL (2003), serem favoráveis ao processo de avaliação pela possibilidade da descoberta de fraudes ou erros, neste caso, não houve essa constatação.

Já o resultado descrito por BORNMANN (2008), em seu estudo sobre critérios para a avaliação de manuscritos, vem ao encontro dos resultados desta investigação: o critério ético e o plágio ainda não são os mais cotados pelos pareceristas.

2) Objetos ou instrumentos de estudo

Nesta categoria, colocaram-se os objetos ou instrumentos metodológicos utilizados pelos autores, os materiais empíricos usados na pesquisa, tais como, questionários e entrevistas. Na crítica dos árbitros quanto a este tópico, em um total de 27 motivos registraram-se 20 vezes o motivo “instrumentos não permitem realizar as inferências”, ou seja, poucos questionários ou entrevistas. Entre os demais motivos estão: (a) Universo de participantes da coleta bastante restrito, não possibilitando a generalização apresentada; (b) Com apenas um instrumento de coleta, não é possível identificar as relações entre o discurso e a prática pedagógica; e (c) Estudo utilizando somente uma pessoa com a patologia.

Nas avaliações estudadas, percebe-se, além do erro na escolha do instrumental da pesquisa, há inadequação quanto ao tamanho da amostra, do ponto de vista estatístico. Esta falta de cuidado dos autores torna difícil atender à recomendação de SERRA (2008) quanto à importância dos autores receberem as críticas para, a partir delas, qualificar o trabalho produzido, visto que o mesmo teria que ser totalmente refeito!

CASTRO (2006) afirma que o sistema de avaliação por pares tem sido pouco eficiente em identificar erros em análises estatísticas.

3) Originalidade

As normas para publicação na revista exigem que o manuscrito seja original, que não tenha sido publicado e que se constitua em um texto relevante para a área. O que o avaliador observa ao apreciar o texto é se o autor desenvolve a ideia com originalidade, com concisão. Se o artigo já foi publicado sob outra forma, tais como tese, dissertação, trabalho apresentado em evento, esta informação deve constar no momento da submissão do manuscrito, para que o editor julgue se envia, ou não, para a avaliação.

Nessa categoria, o maior motivo de rejeição sendo apontado 29 vezes como “nada traz de original” ou “não é trabalho original” em um total de 32 motivos semelhantes. O outro motivo citado três vezes é “o trabalho não é inédito”. A originalidade tem forte vinculação ética, pois atualmente há profusão de mecanismos em que é possível saber dentro das várias áreas de conhecimento, o que já foi ou está sendo publicado. Demonstra também o nível de informação do autor e do quanto acompanha o estado de arte da sua área de especialização.

4) Redação do manuscrito

A qualidade de um texto científico, propriamente dito, é avaliada em seus aspectos de conteúdo e de forma. Aquele se refere à substância do trabalho científico, enquanto este diz respeito aos meios e formas usadas na produção do trabalho, de acordo com os ritos acadêmicos.

Nesta categoria, estão relacionados os problemas observados pelos avaliadores que se relacionam à forma do manuscrito e que comprometem a exatidão, a clareza e a comunicabilidade da mensagem que o autor pretende transmitir. A falta de cuidado na redação do manuscrito foi observada 105 vezes.

Foram observados: [...]erros de redação, digitação, ortografia, concordância verbal, gramática, parágrafos sem conclusão, linguagem telegráfica ou truncada, além de pobreza no estilo e na escrita. Relata-se a ocorrência de parágrafos repetitivos, uso excessivo de perguntas e expressões de

imprecisão (“talvez” e “será”) em texto fragmentado. De forma geral, a escrita carece de uma revisão textual: às vezes o autor se coloca na primeira pessoa do singular, em outras, no singular, repete termos na mesma frase e deixa os parágrafos sem nexos. Ocorrem graves problemas com a escrita, tornando difícil a compreensão das ideias do autor. Há deficiência linguística. Não há encadeamento lógico. Percebe-se o uso de linguagem própria do senso comum; tais como adjetivações (inadequado para artigo científico): vida indigna, artificialidade técnica, relações indignas e danificadas, (pseudo) felicidade; as orações precisam ser mais bem explicadas para as frases ganharem sentido.

Escrever com clareza é uma habilidade a ser desenvolvida. Concorda-se com MEADOWS (1999) que a persistência do autor em submeter seu artigo rejeitado a outros periódicos o levará naturalmente a um processo de depuração e aprimoramento.

5) Normalização

Nesta categoria, estão relacionados os problemas que se referem ao atendimento, à normalização de um texto científico. Trata-se de um conjunto de regras que visam à qualidade e precisão dos aspectos da comunicação científica e comprometem a qualidade e o desenvolvimento lógico do texto. Revelou-se um aspecto muito bem observado pelos avaliadores, tanto na adequação do trabalho quanto nas normas metodológicas e linguísticas. Os problemas descritos pelos árbitros totalizaram 123 vezes (12% do total) e são: (a) Resumo não atende as normas; (b) Não atende as normas do periódico; (c) Inexistem referências em alguns parágrafos e estes estão fora das normas; (d) Citação incorreta dos autores; (e) Descritores não compatíveis com o DeCS, recomendado pelo periódico; (f) Não separa introdução, seções e considerações finais; (g) Obras citadas no texto não estão nas referências; (h) Foge à política editorial do periódico; (i) Formato não compatível com artigo científico; (j) Estrutura inadequada, não atende as normas de artigo científico; (k) Melhor classificado em relatos de experiência; (l) Excessivo número de notas de rodapé, algumas desnecessárias; e (m) Referências fora das normas.

Da bibliografia consultada, somente CASTRO (2006) se reporta ao tema normalização, mas com a intenção de chamar a atenção dos autores sobre o prévio conhecimento que devem ter das instruções e normas de submissão de cada revista. Considera-se de suma importância este conhecimento e o atendimento aos critérios estabelecidos como um indicador necessário na qualidade do manuscrito.

6) Aprofundamento teórico

Nesta categoria, os avaliadores observam a base teórica utilizada na pesquisa. Ao elaborar o texto, o autor demonstra suas escolhas, o que leu e aprendeu sobre o assunto e faz seu referencial com base nestas leituras e mostra a opção por uma linha de pensamento. Os avaliadores também procuram observar o “diálogo” que o autor promove entre os teóricos incluídos no manuscrito e a coerência no uso das teorias selecionadas.

O motivo mais frequente nesta categoria foi expresso da seguinte forma, sendo observado 54 vezes: “fundamentação teórica é falha” [...] há necessidade de melhorar a sustentação teórica [...] sustentação teórica inexistente [...] Os demais motivos observados foram: (a) Conteúdo confuso; (b) Suporte bibliográfico reduzido. Carece de uma bibliografia mais atual e original; (c) Pouca consistência teórica. Mal fundamentado; (d) Imprecisão conceitual. Faltam definições de conceitos; (e) Falta de rigor teórico-conceitual; (f) Não cita autores e trabalhos importantes no tema. Utiliza autores inadequadamente; (g) O texto não contém autores importantes sobre o tema; (h) Incoerência interna

do texto: qual a base filosófica em que o autor se apoia? (i) Dificuldade de interpretação dos autores; (j) Referencial teórico com problemas: deve ser mais desenvolvido, faz transposição de conceitos fora do contexto; (k) O texto não tem autores importantes sobre o tema; e (l) O texto não constitui diálogo entre os autores apresentados.

7) Metodologia científica

É a categoria de análise mais ampla, que deve contemplar os métodos utilizados e descritos pelo autor, mas é um termo utilizado para designar também todo o trabalho científico, não se restringindo a identificar a abordagem científica pelos métodos: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético, fenomenológico. Apesar de se considerar problemática esta categoria de análise, dado que seus limites podem invadir algumas das outras descritas anteriormente, justifica-se sua utilização porque, por vezes, os motivos que são apontados comprometem a metodologia utilizada no trabalho.

Observaram-se os seguintes argumentos descritos pelos árbitros que estão relacionados a problemas metodológicos: 43 vezes “[...] metodologia inadequada, frágil, não clara aparece; 29 vezes “[...] objetivos não são claros; 26 vezes “[...] não aprofunda o tema [...]”. Os demais motivos arrolados referentes à metodologia são: (a) Enfoque metodológico superficial; (b) Falta profundidade nas discussões; (c) Conteúdo confuso; (d) Suporte bibliográfico reduzido; (e) Carece de uma bibliografia mais atual e original; (f) Dados empíricos não sustentam a discussão pretendida; (g) Carece de dados empíricos para a discussão; (h) Deve inserir tabelas e gráficos para explicar melhor o texto; (i) Não utiliza estatística descritiva para descrever os resultados; (j) Conclusões frágeis; não justifica a escolha das variáveis; (k) Trabalha pouco os dados; (l) Não apresenta resultados concretos prejudicando uma discussão; (m) Não alcançou o(s) objetivo(s) proposto(s); (n) Não esclarece os procedimentos adotados para análise; (o) Texto frágil, sem consistência.

As categorias utilizadas neste estudo foram elaboradas a partir da leitura dos pareceres, como explicado anteriormente, significando que, em estudos similares, outras poderão ser utilizadas. Não se observou informação sobre esta questão específica na bibliografia consultada. Acredita-se que se deve à rara oportunidade que os estudiosos têm de acessar as avaliações dos árbitros, como no caso desta investigação, visto que nem mesmo os autores que submetem seus originais, na maioria dos casos, ficam sabendo os motivos da rejeição de seus manuscritos.

Considerações finais

Conclui-se que a preocupação central dos árbitros, ao avaliar um manuscrito, é principalmente com os aspectos metodológicos. O autor, ao redigir seu manuscrito, deve estar preparado para demonstrar seus argumentos de forma consistente, com resultados e conclusões encadeados e relacionados aos objetivos a que se propôs, o que frequentemente não ocorreu nos textos rejeitados.

Em segundo lugar, a falta de aprofundamento teórico é a falha mais apontada pelos árbitros. Os autores desconhecem parte da bibliografia do tema sobre o qual pretendem escrever, ou não a contextualizam, utilizando as ideias dos diversos autores e posicionando-se, defendendo ou emitindo uma opinião com coerência.

Em terceiro e quarto lugares, são apontadas as falhas de redação e a normalização do manuscrito. Apesar de estar em terceiro lugar, este é um dos aspectos que mais incomodam ao se ler um texto científico. Os autores devem submeter seus textos a revisores antes de enviá-los a uma revista. O não cumprimento das normas pode, em muitos periódicos, ser item principal de rejeição pelo editor, antes da avaliação por mérito.

Durante a leitura observou-se que os avaliadores e editores preferem levar os autores a um aprendizado, analisando todos os quesitos, antes de rejeitar somente com base em uma redação descuidada. Em vários casos, nos pareceres, mesmo rejeitando, havia um cuidado nas críticas no sentido de encorajar os autores a melhorar seus manuscritos, indicando um caráter pedagógico existente entre os pares.

Em quinto lugar de rejeição está o problema de originalidade do manuscrito, que também pode ser considerado uma falha no atendimento às instruções para os autores ou às normas dos periódicos científicos, que já esclarece ser este um quesito obrigatório.

Em sexto lugar, está o problema dos instrumentos de estudo. Situação daqueles manuscritos com estudo de caso e entrevistas com apenas uma pessoa ou um grupo pequeno sem condições de realizar as análises. Os autores devem procurar uma orientação com especialistas e amparo na bibliografia sobre instrumentos da análise, metodologias de pesquisa, para não incorrer nesse erro.

Em último lugar, fica a preocupação com os aspectos éticos. Foram apontadas situações de erros que os autores cometem em textos científicos. Corroborando com a pesquisa de BORNMANN et al. (2008), não são detectadas falhas éticas ou problemas de plágio nos manuscritos rejeitados. Acredita-se que é um problema com tendência a crescimento nas discussões, e não é um aspecto de responsabilidade exclusiva dos avaliadores dos periódicos. Longo debate se antevê para os próximos anos em que se envolverão editores, autores, avaliadores, produtores e a sociedade científica.

Acredita-se que o estudo tenha respondido as perguntas a que se propôs. Para responder à pergunta final: Este *estudo* pode ser válido para outros periódicos? Acredita-se que seja útil, e que pesquisas posteriores, neste sentido, possam ser realizadas.

REFERÊNCIAS

- BORNMANN, L.; NAST, I.; DANIEL, H. Do editors and referees look for signs of scientific misconduct when reviewing manuscripts? A quantitative content analysis of studies that examined review criteria and reasons for accepting and rejecting manuscripts for publication. **Scientometrics**, v.77, p.415-432, 2008.
- CASTRO, R.C.F. Revistas de cirurgia e gastroenterologia: indexação em bases de dados e indicadores bibliométricos. **Acta Cirurgica Brasileira**, v.21, p.128-132, 2006.
- CRUZ, I.C.F. Revisão por pares: quais são as responsabilidades do OBJN? Online Brazilian Journal of Nursing, v.5, 2006. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2010.3163/html>. <http://www.uff.br/objnursing/index.php/nursing/article/viewArticle/745/170> Acesso em: 13/set./2009.
- GOLLOGLY, L.; MOMEN, H. Dilemas éticos na publicação científica: dificuldades e soluções para editores. **Revista de Saúde Pública**, v.40, p.24-29, 2006.
- HAMES, I. **Peer review and manuscript management in scientific journals**: guidelines for good practice. Oxford: Wiley-Blackwell; Association of Learned and Professional Society, 2007. 312 p.
- KNOBEL, M. Fraudes sacodem a comunidade científica. **Ciência e Cultura**, v. 55, p.17-18, 2003.
- MEADOWS, A.J. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999. 268 p.
- MOVIMENTO, Porto Alegre, 1994- .Quadrimestral.
- SERRA, F.R.; FERREIRA, M.P.; FIATES, G. O desafio de pesquisar e publicar em revistas científicas: a perspectiva de editores e revisores internacionais. globADVANTAGE, Leiria, working paper n. 12/2008, abr. 2008. Disponível em: http://www.globadvantage.ipleiria.pt/wp-content/uploads/2008/04/working_paper-12_globadvantage.pdf. Acesso em: 27/maio/2009.
- STUMPF, I.R.C. Avaliação de originais nas revistas científicas: uma trajetória em busca do acerto. In: FERREIRA, S.M.S.P.; TARGINO, M.G. (Org.). **Preparação de revistas científicas**: teoria e prática. São Paulo: Reichmann, 2005. p.103-121.
- ZIMAN, J.M. **A força do conhecimento**: a dimensão científica da sociedade. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. 380 p.

Como construir uma base de dados referencial pessoal com EndNote Web: Como capturar, armazenar, selecionar e exportar referências para seu editor de textos, agilizando a produção de trabalhos acadêmicos?⁽¹⁾

Suely de Brito Clemente SOARES⁽²⁾

Resumo

Apresenta as principais funcionalidades do EndNote Web, *software* proprietário da Thomson Reuters. EndNote Web é um gerenciador de citações e referências capturadas da web ou digitadas. Agiliza a produção de trabalhos acadêmicos pela rápida recuperação das referências em uma base de dados pessoal e inserção automática das citações, notas de rodapé e referências, já normalizadas, no texto. No Brasil, o EndNote Web está disponível, sem qualquer custo adicional, para usuários do Portal de Periódicos da CAPES.

Introdução

O EndNote Web é um dos *softwares* gerenciadores de referências que pesquisadores poderão utilizar para construir suas próprias bases de dados referenciais, com informações completas sobre trabalhos publicados selecionados em fontes de sua área de interesse. Segundo o próprio EndNote Web, ele representa o fim das anotações manuscritas das referências bibliográficas.

O EndNote Web agiliza a produção de trabalhos acadêmicos por ser um gerenciador de referências de fácil manuseio e por permitir busca, seleção e incorporação de citações, notas de rodapé e referências selecionadas, já normalizadas, enquanto se escreve um texto em MSWord.

No Brasil, o EndNote Web está disponível para todos os pesquisadores que tem acesso ao Portal de Periódicos da CAPES⁽³⁾, pela plataforma Web of Knowledge da Thomson Reuters. Para abrir uma conta, devem estar *logados* a este portal. Usuários cadastrados na Web of Science já estão automaticamente habilitados a utilizarem também o EndNote Web.

Após o cadastramento, via acesso restrito ao portal de periódicos da CAPES⁽³⁾, poderão alimentar e utilizar suas bases de dados referenciais pessoais a partir de qualquer máquina e/ou conexão. Este processo é possível porque *software* e dados pessoais estão armazenados *na nuvem*⁽⁴⁾. Neste aspecto, o EndNote Web ganha, em funcionalidade, da versão mono/multiusuário do mesmo *software*, pois poderá ser utilizado de forma desterritorializada e atemporal. Desterritorializada e atemporal porque o usuário não precisará estar na máquina e/ou rede onde está instalada a versão local, dentro de determinado horário de expediente. Em outras palavras, poderá ser utilizado a qualquer tempo e a partir de qualquer lugar, desde que seu usuário esteja conectado.

⁽¹⁾ Resumo da apresentação realizada durante o XIX Curso de Editoração Científica da ABEC em Campinas, 2011.

⁽²⁾ Mestre em Educação, Ciência e Tecnologia, UNICAMP, Campinas (SP). E-mail:suelybcs@gmail.com

⁽³⁾ <http://www.periodicos.capes.gov.br>

⁽⁴⁾ *Na nuvem* ou *web 4.0* são expressões que indicam que tanto o *software* quanto os dados pessoais estão disponíveis 24/7/365 em servidores *em nuvem*, na web, não importando *onde* para o usuário final.

Assinatura de acesso ao serviço

O endereço para assinatura é <http://www.myendnoteweb.com> (Figura 1)

ENDNOTE[®] WEB | provided by THOMSON REUTERS

<http://www.myendnoteweb.com>

Clique Sign Up

New to EndNote Web? [Sign Up for an account](#)

Enter your e-mail address and password here:

E-mail Address:

Password:

Keep me logged in on this computer unless I log out.

[Forgot Your Password? Problems Logging-In?](#)

Shibboleth users - log in via your institution's Shibboleth authentication

View in | 简体中文 | English | Deutsch | 日本語 |

[Mobile Site](#) | [Privacy](#) | [Acceptable Use](#) | [Feedback](#)

© 2011 THOMSON REUTERS

Figura 1. Tela que deverá ser acessada para abertura de conta no EndNote Web. Fonte: <http://www.myendnoteweb.com>

O usuário deverá acessar o *site* indicado e clicar em *Sign Up*. Deverá preencher o formulário com os dados solicitados. Depois de cadastrado bastará preencher campos e clicar em *Log-in*. O acesso à sua base de dados referencial pessoal será protegido pela senha cadastrada neste momento.

Características e funcionalidades do EndNote Web

As principais características são:

- As referências poderão ser importadas diretamente das bases de dados ou digitadas, uma uma, no caso de não estarem em formato digital;
- Os formulários para digitação são personalizados para cada tipo de publicação: livros, artigos, eventos, vídeos etc.;
- Armazena e gerencia uma base de dados pessoal com até 10 mil referências;
- Não requer instalação, pois o *software* e os dados são armazenados *nas nuvens*;
- Permite pesquisar, editar, complementar, detectar e eliminar referências duplicadas;
- Compatibilidade e permutabilidade total com EndNote local mono/multiusuário;
- Permite inserir automaticamente citações e respectivas referências, simultaneamente, no MSWord, enquanto o texto está sendo escrito;

- Permite categorizar referências em pastas ou grupos de até 500 cada um;
- Permite formatar automaticamente, em um “clique”, a lista de referências selecionadas para um trabalho, de acordo tanto com normas bibliográficas como ABNT, Vancouver etc. como de periódicos internacionais;
- Gera bibliografias, sem marcas EndNote Web, para os mais variados fins;
- Versão disponível para equipamentos móveis;
- Utilizar, preferencialmente, o navegador Mozilla Firefox;
- Habilitar *cookies* e JavaScript nas preferências do navegador;
- É possível transferir do MSWord para EndNote Web uma lista de referências;
- Permite compartilhamento de referências com outros usuários de EndNote web;
- O acesso de outras pessoas a uma base de dados pessoal poderá ser configurado como *somente leitura* ou *leitura/escrita*.

As principais funcionalidades são as seguintes (Figura 2):

- **Coleta** de um bloco de referências por captura *online* ou digitação;
- **Organização** das referências armazenadas e categorização por temas ou grupos;
- **Formatação** da bibliografia e citação/referenciação simultânea, durante digitação em MSWord.

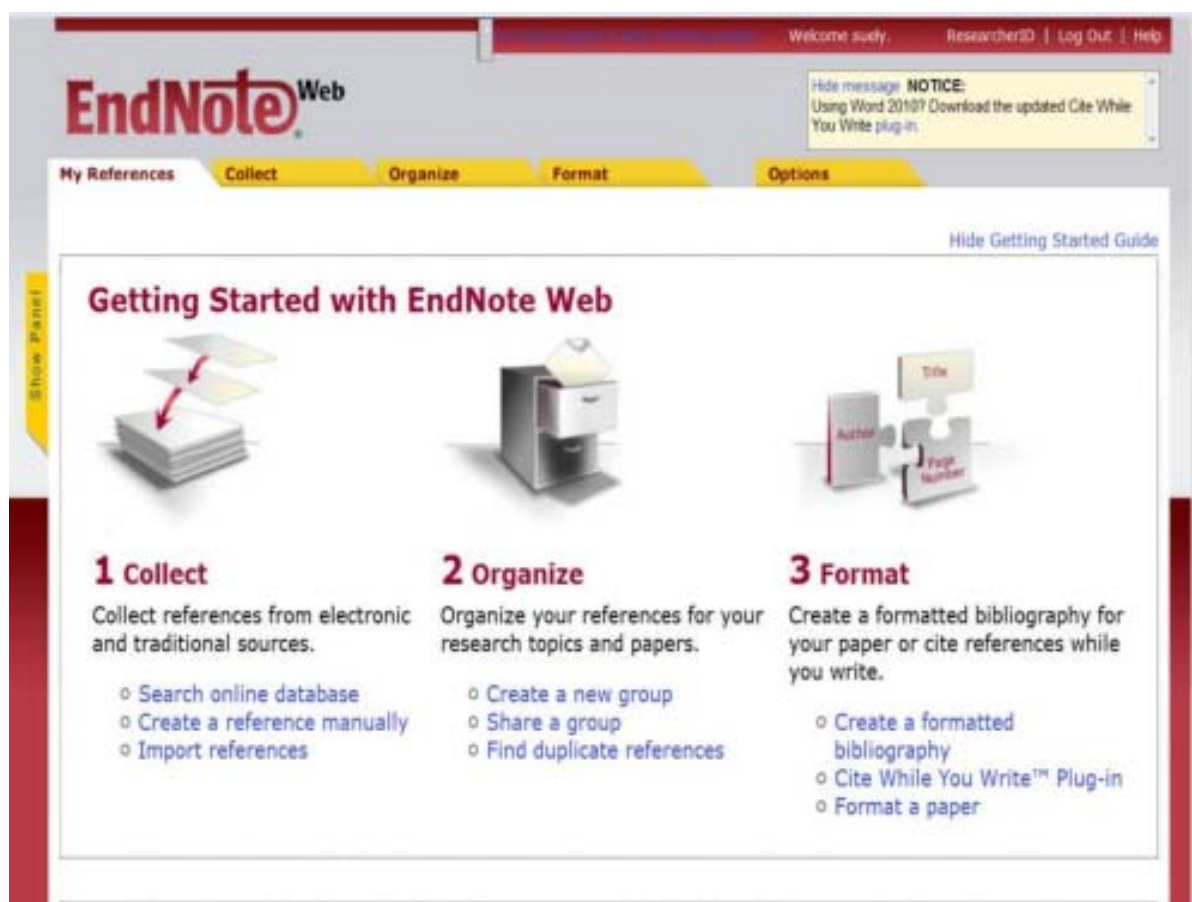


Figura 2. Tela com as 3 funções principais do EndNote Web. Fonte: <http://www.myendnoteweb.com>

Funcionalidade 1: Collect

As referências poderão ser coletadas diretamente das bases de dados *online*. Todas as melhores bases de dados acadêmicas tem um botão para exportação dos resultados de uma pesquisa para o EndNote Web. Os tutoriais recomendados na Webliografia, disponível no fim deste trabalho, descrevem detalhadamente os procedimentos a serem adotados nas principais bases de dados acadêmicas, nacionais e internacionais, multidisciplinares e de diversas áreas do conhecimento.

A seguir, é mostrado o passo a passo para coleta de referências do Google Acadêmico (Figura 3). A figura 4 é a tela com o resultado desta configuração.

Importar do Google Acadêmico

- Acessar Google Acadêmico > <http://scholar.google.com.br/>
- Clicar em **Preferências do Google Acadêmico**
- No final da página, em **Gerenciador Bibliográfico**, clique em **“Mostre links para importar citações para o ...”** e selecione **EndNote**
- Clicar em **Salvar preferências**
- Efetuar a busca e clicar em **Importe para o EndNote**, exibido em cada um dos registros
- Salvar o arquivo com extensão **.enw**
- Conectar o EndNote Web e importar os arquivos usando o filtro **EndNote Import**

Obs. Somente é possível salvar e importar um registro por vez

fonte: [ESALQ-USP](http://www.esalq.usp.br)

http://www.esalq.usp.br/biblioteca/PDF/EndNote%20Web_2010.pdf

Figura 3. Passo a passo de importação de referências do Google acadêmico. Fonte: http://www.esalq.usp.br/biblioteca/PDF/EndNote%20Web_2010.pdf

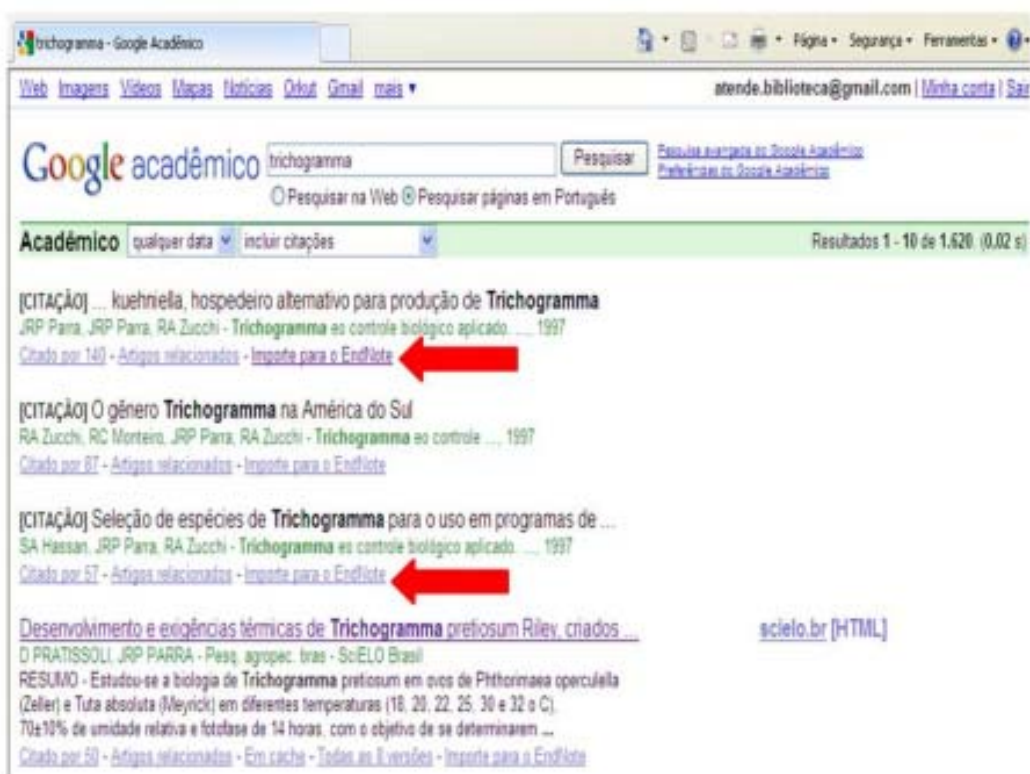


Figura 4. Tela do Google Acadêmico configurada para exportar referências para EndNote Web.

As referências também poderão ser digitadas, uma a uma, em formulários pré-formatados pelo sistema, de acordo com os campos próprios de cada tipo de publicação (Figura 5). Se for escolhido o tipo de documento “livro”, o formulário será diferente do de artigo de periódico, de vídeo, de mapa, etc.



Figura 5. Tela em que deverá ser escolhido o formulário para digitação, por tipo de documento.
Fonte: <http://www.myendnoteweb.com>

Para importar os resultados de busca nos formatos específicos das bases de dados de seu interesse, o usuário poderá customizar sua própria lista (Figura 6).

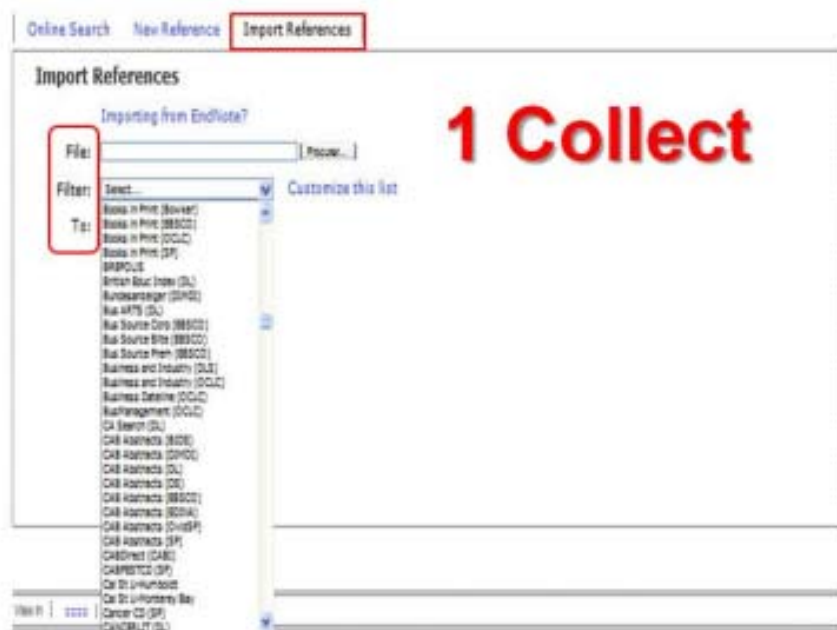


Figura 6. Tela com lista de bases de dados internacionais para seleção de lista de interesse pessoal.
Fonte: <http://www.myendnoteweb.com>

Funcionalidade 2: Organize

A base de dados referencial pessoal poderá ser organizada de acordo com as preferências de cada usuário. Poderão ser criadas pastas, grupos de interesse e níveis de compartilhamento. Outras opções para organização dos dados pessoais estão mostradas na figura 7.



Figura 7. Tela com opções de organização da base referencial pessoal em EndNote Web.Fonte: <http://www.myendnoteweb.com>

Funcionalidade 3: Format

Esta funcionalidade corresponde ao *output* do sistema. Quais são as configurações possíveis de formatos de saída das referências armazenadas? Conforme mostra a figura 8 são quatro as opções: lista de referências normalizadas de acordo com as normas editoriais de periódicos internacionais, listados de A-Z, ou normas bibliográficas como ISO, Vancouver, ABNT, etc. Um *plugin* deverá ser baixado para que a função *Cite while you write* esteja disponível para ser utilizada concomitantemente ao MSWord.

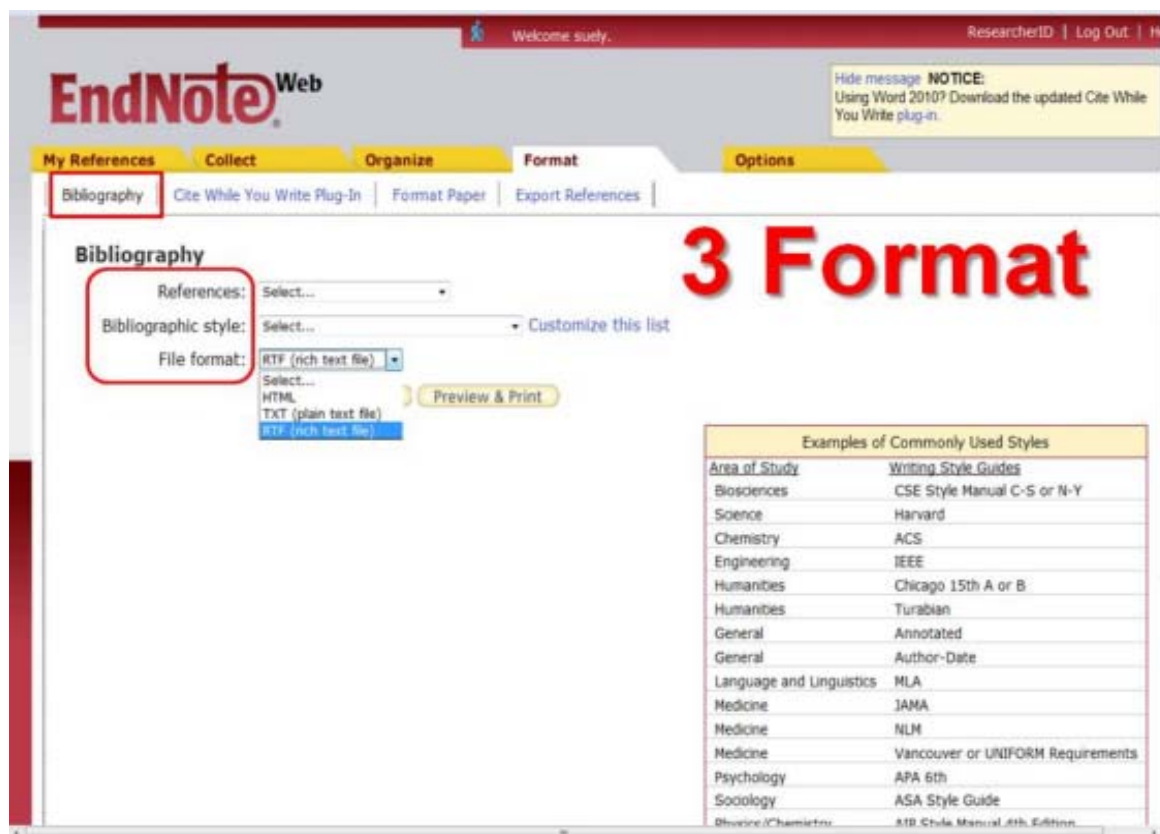


Figura 8. Tela de configurações possíveis de opções de formatos de saída das referências armazenadas.

Considerações Finais

As funcionalidades do EndNote Web atendem às principais necessidades de um pesquisador para gerenciamento de sua base de dados referencial pessoal, agilizando sua produção de textos acadêmicos. O único fator limitante do *software* é que, por ser proprietário, está disponível apenas para usuários do Portal de Periódicos CAPES.

WEBLIOGRAFIA RECOMENDADA

EndNote Web 2.0 no ISI Web of knowledge – com áudio. Disponível em:

<https://www.brainshark.com/brainshark/vu/view.asp?pi=168507383>

EndNote Web 2.0 – Quick Reference Card. Disponível em:

<http://science.thomsonreuters.com/m/pdfs/mgr/portugueseenw.pdf>

What´s new in EndNote Web – para acompanhar atualizações. Disponível em:

<http://www.endnote.com/enwebwhatsnew.asp>

Manual EndNote Web do SIBiUSP. Disponível em:

http://citrus.uspnet.usp.br/sibi/tutoriais/Manual_EndNoteWeb_publicacao.pdf

EndNote Web: Guia de uso – BVS-FSP-USP. Disponível em:

http://www.bvs-sp.fsp.usp.br:8080/image/pt/internas/prog_edu/endnoteweb.pdf

Tutorial EndNote Web – ESALQ-USP. Disponível em:

http://www.esalq.usp.br/biblioteca/PDF/EndNote%20Web_2010.pdf

http://www.esalq.usp.br/biblioteca/PDF/EndNote%20Web_Treinamento.pdf

EndNote Web 2.0 – Apresentações no SlideShare

<http://www.slideshare.net/bibliotecafob/tutorial-endnote-web-7727836>

<http://www.slideshare.net/virginiauspif/tutorial-end-note-web-fisica>

<http://www.slideshare.net/julianatakahashi/endnote-web-1944019>

<http://www.slideshare.net/bibliotecafmvz/end-note-web-1357032>

Web of Science – cartão de consulta rápida

http://science.thomsonreuters.com/m/pt/ws7_qrc_pt.pdf

Instituto Agrônômico

Centro de Comunicação e Transferência do Conhecimento
Av. Barão de Itapura, 1.481
13020-902 - Campinas (SP) BRASIL
Fone: (19) 2137-0600 Fax: (19) 2137-0706

www.iac.sp.gov.br



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO

Secretaria de Agricultura
e Abastecimento